EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE

Relatos de experiência do UniSALESIANO à Aldeia Meruri



Dra. Elaine Cristina Moreira da Silva (org)

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

SUMÁRIO

1. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA EM EAD: VIVENCIANDO UMA METODOLOGIA BASEADA NA TECNOLOGIA
SCIENTIFIC RESEARCH METHODOLOGY IN DISTANCE LEARNING: EXPERIENCING A METHODOLOGY BASED ON TECHNOLOGY
[4]

2. REFLEXÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
REFLECTIONS ON TEACHING IN HIGHER EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT IN DISTANCE EDUCATION
[11]

3. USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PERÍODO PANDÊMICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN THE YOUTH AND ADULT EDUCATION DISCIPLINE DURING THE PANDEMIC PERIOD: AN EXPERIENCE REPORT
[23]

4. AGRICULTURA ANCESTRAL BOE: PA MERIGUDU JIBOE – MEMÓRIAS DAS ROÇAS MECANIZADAS DA ALDEIA MERURI
ANCESTRAL BOE AGRICULTURE: PA MERIGUDU JIBOE – MEMORIES OF THE MECHANIZED ROÇAS / FIELDS OF THE MERURI VILLAGE
[37]

5. O PAPEL DO BAKARU (NARRATIVAS ANCESTRAIS) COMO RECURSO PEDAGÓGICO INTERCULTURAL NO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO DO POVO BOE (BORORO) NA ALDEIA MERURI
THE ROLE OF BAKARU (ANCESTRAL NARRATIVES) AS AN INTERCULTURAL PEDAGOGICAL RESOURCE IN ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL EDUCATION OF THE BOE (BORORO) PEOPLE IN THE MERURI VILLAGE
[55]

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

APRESENTAÇÃO
ENTRE O AVA E A ALDEIA

Há livros que nascem de um projeto. Este nasceu de uma travessia.
Ele começou em 2019, quando fomos apresentados à plataforma Blackboard no UniSALESIANO, em Lins-SP, sem imaginar que, em poucos meses, a pandemia de Covid-19 deslocaria toda a sala de aula para dentro das telas. Começou com o susto das professoras diante do calendário que agora piscava em um ícone, das videoaulas que precisavam ser gravadas e regravadas, e das alunas do Parfor que, com coragem, confessavam: "professora, eu não sei mexer no computador".
E continuou quando percebemos que o desafio não era apenas técnico. Era ético, dialético, humano. Como ensinar Metodologia da Pesquisa Científica sem o olho no olho? Como formar alfabetizadoras quando a própria escrita se fragmenta em cópias e colagens? Como sustentar a Educação de Jovens e Adultos quando o ensino remoto emergencial foi confundido, apressadamente, com Educação a Distância?
Os três primeiros capítulos desta obra são a cartografia dessa aprendizagem. Não são manuais. São relatos de experiência. Registram o que deu certo, o que doeu e o que nos transformou. Mostram que a tecnologia, quando mediada com intencionalidade, pode ser método, ponte e convite — mas nunca substitui a presença do professor que orienta, que corrige a rota e que acredita na autoria de cada aluna.
Se a primeira parte do livro nos leva para dentro do AVA, a segunda parte nos leva para fora dele — para o chão batido da Aldeia Meruri.
Foi necessário atravessar o estado, ouvir os mais velhos, sentar em roda, para entender que existe outra tecnologia, tão sofisticada quanto a nossa: a tecnologia da roça. Em Pa Merigudu Jiboe – Memórias das Roças Mecanizadas da Aldeia Meruri, aprendemos que uma roça não é apenas um espaço de plantio. É calendário, é memória, é comunidade. Quando as roças mecanizadas começaram, quando terminaram e por que terminaram, são perguntas que não falam só de milho, mas de como um povo se alimenta e se mantém de pé.
E é em Bakaru que essa travessia encontra seu sentido mais profundo. Bakaru não é "mito" ou "lenda". É sistema de conhecimento. É cosmologia, organização social, ética da vergonha e da leveza. Neste livro, o Bakaru deixa de ser apenas conteúdo a ser estudado e torna-se o que sempre foi: recurso pedagógico intercultural, capaz de fazer crianças e jovens do Ensino Fundamental e Médio do povo Boe (Bororo) escreverem, pensarem e se reconhecerem.
O que une o Blackboard e o Bakaru? O que une a EJA de Lins e a roça de Meruri?
A crença de que toda educação é, no fundo, intercultural. Sempre há um encontro entre mundos: entre quem ensina e quem aprende, entre o saber

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

acadêmico e o saber ancestral, entre a semente leve do dente-de-leão que voa ao vento e a semente pesada do milho que sustenta a aldeia.
Este livro é dedicado a quem semeia nos dois terrenos: na nuvem e no chão.
Convidamos você a navegar por ele como se navega por um AVA e como se caminha por uma roça — com atenção, respeito e curiosidade pelo que vai nascer.

João Artur Izzo
Editora Dente-de-Leão – São Paulo, 2026

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA EM EAD: VIVENCIANDO UMA METODOLOGIA BASEADA NA TECNOLOGIA

SCIENTIFIC RESEARCH METHODOLOGY IN DISTANCE LEARNING: EXPERIENCING A METHODOLOGY BASED ON TECHNOLOGY

Dra. Paola De Carvalho Buvolini Batelocchi
Ma. Jovira Maria Sarraceni

RESUMO

O presente artigo objetiva descrever recursos tecnológicos aplicados à disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica como métodos de ensino no contexto do Ensino a Distância (EaD). Apresentam-se os recursos e a plataforma utilizada pelo UniSALESIANO nesse contexto virtual, pretendendo-se que essa descrição constitua uma cartografia de ensino e aprendizagem, visto que o uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) seguirá em expansão, inserindo docentes e discentes nesse ambiente. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica combinada ao estudo de caso das práticas das professoras, as quais utilizam diversos recursos, principalmente a plataforma *Blackboard*, para ministrar suas disciplinas. Constatou-se que os recursos tecnológicos configuram-se como métodos eficientes para a aprendizagem nesse contexto virtual.

PALAVRAS-CHAVE
AVA. Metodologia da Pesquisa Científica. Métodos. Tecnologia.

ABSTRACT

This article aims to describe technological resources applied to the discipline of Scientific Research Methodology as teaching methods in the context of distance learning (EaD). It presents the resources and the platform used by UniSALESIANO in this virtual context, intending for this description to constitute a teaching and learning cartography, since the use of the Virtual Learning Environment (VLE) will continue to expand, placing teachers and students in this environment. Bibliographical research was used combined with a case study of the teachers' practices, who use several resources, mainly the Blackboard platform, to teach their subjects. It was found that technological resources are efficient methods for learning in this virtual context.

KEYWORDS
VLE. Scientific Research Methodology. Methods. Technology.

1 Introdução

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

A disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica começou a ser ministrada na modalidade Ensino a Distância (EaD) a partir de 2022. O período destaca-se pela singularidade decorrente da experiência recente da pandemia de covid-19, fator que alavancou o uso da tecnologia como meio de contato e interação na sociedade em geral. Na área educacional, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) já ocupavam espaço, o qual foi consolidado e ampliado durante o período pandêmico.

Diferenciando-se de uma proposta híbrida, a disciplina em foco é integralmente em EaD. Isso implica contextualizá-la em uma plataforma específica e validar as interações de maneira totalmente on-line, sem a exigência de momentos presenciais. À vista disso, este artigo tem como objetivos a descrição desse contexto virtual e a estruturação da disciplina nessa modalidade. Pretende-se, no espaço educacional, que este texto sustente e norteie outras práticas pedagógicas que requeiram a tecnologia como meio e canal de aprendizagem.

2 Educação e tecnologia: um contexto macro

A era da globalização e o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) têm revelado potenciais e necessidades singulares no cenário educacional, principalmente a partir de 2020. É inquestionável a gama de possibilidades e contextos profícuos para o processo de ensino-aprendizagem viabilizados pela Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) (Philp *et al.*, 2014; Means *et al.*, 2014; Warschauer, 2011; Warschauer; Liaw, 2010).

Como revelam variados estudos focados no panorama pandêmico, é possível afirmar e destacar o impacto dessas tecnologias na educação (Paiva, 2020; Romanowski *et al.*, 2020; Leffa *et al.*, 2020; Garcia, 2020; Kersch *et al.*, 2022). De forma abrupta, presenciou-se o deslocamento da sala de aula de seu espaço físico para as telas, em tentativas de articulação de um contexto de ensino-aprendizagem mediado por computadores e dispositivos móveis. Com isso, emergiram, para além dos conteúdos curriculares, questões referentes às novas atribuições docentes, à inabilidade de manejo e às dificuldades de acesso tecnológico. Tais desafios, que inicialmente inquietaram professores e alunos, vêm sendo solucionados por meio do intercâmbio entre docentes especialistas da área tecnológica e demais pares.

De acordo com Moran (2004), o avanço tecnológico redefine os limites geográficos e estruturais da atividade pedagógica:

> [...] nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes. Podemos aprender estando em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos numa sala para que isso aconteça (Moran, 2004, p. 348).

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Nesse sentido, afirma-se que os avanços tecnológicos da era da globalização contribuem diretamente para inovações no contexto pedagógico, sendo a utilização da plataforma *Blackboard* uma dessas inovações proeminentes.

3 Metodologia da pesquisa

O método de análise adotado para este artigo é o Estudo de Caso, fundamentado em Yin (2014). Segundo o autor, o estudo de caso permite analisar um fenômeno em profundidade, considerando-o indissociável do contexto pesquisado. Por essa razão, o pesquisador atua como observador e conhecedor do ambiente investigado, que, neste estudo, corresponde à plataforma *Blackboard*.
A finalidade principal do estudo de caso é descobrir padrões e significados, auxiliando no desenvolvimento de conclusões e na construção de constructos teóricos (Patton; Appelbaum, 2003 *apud* Kohlbacher, 2005). Justifica-se, assim, a proposta de uma Cartografia Pedagógica.

4 A disciplina no *Blackboard*: descrição do contexto

A plataforma *Blackboard* foi apresentada aos professores do UniSALESIANO no final de 2019, período em que se realizou um treinamento para apropriação de sua arquitetura e funcionalidades. Para a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, atribuiu-se a missão de validar a plataforma como método de ensino e aprendizagem na modalidade EaD. A equipe de Tecnologia da Informação (TI), em conjunto com professores da área de tecnologia, atuou como norteadora na atualização dos conhecimentos tecnológicos necessários para a plena operação do sistema.
A plataforma *Blackboard* é composta por uma página inicial de introdução às disciplinas. Nessa interface, localizam-se, à esquerda, ícones para acesso a campos específicos, tais como: calendário escolar — implementado recentemente como reflexo das atualizações decorrentes do tempo de uso e das sugestões de docentes e discentes —, videoaulas, material de apoio, chat de discussão, fórum de discussão, atividades e avaliações. Há ainda as opções "crie uma nova seção" (não utilizada pelas docentes) e "painel do curso" (amplamente utilizado para o acompanhamento dos alunos).
Cada aba permite ao professor gerenciar e alimentar a plataforma com o conteúdo planejado. Esse planejamento pedagógico está expresso no Plano de Ensino e no Plano de Aula, ambos acessíveis nos botões de introdução. O aluno interage com ícones retangulares denominados *Plano de Ensino*, *Plano de Aula*, *Apresentação do Professor* e *Critérios de Avaliação* para compreender a dinâmica da disciplina. Há também a possibilidade de apresentação do tutor responsável pelo acompanhamento.

5 A linguagem no EaD

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Na modalidade a distância, a linguagem exige assertividade: deve ser clara, concisa e atrativa. Atrativa para configurar um convite constante para que o aluno navegue pela disciplina de forma autônoma; concisa para otimizar o gerenciamento do tempo de tela, garantindo a leitura integral das orientações; e clara para que, em uma única leitura, o discente compreenda a proposta de cada ícone.

A linguagem adotada no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do UniSALESIANO é predominantemente descritiva e injuntiva. Descreve-se o escopo de cada ícone e atividade, ao mesmo tempo em que se orienta e instrui o aluno na condução de seus estudos.

Nas videoaulas, a assertividade de cada docente é singular. É nessa produção que a clareza e a concisão asseguram a aproximação do aluno com o componente curricular. Por meio da aula gravada, o discente visualiza e escuta o professor, compreendendo o conteúdo e os métodos empregados. O método macro constitui-se pela própria plataforma, que direciona a incursão de professores e alunos, enquanto os métodos micro são escolhidos por cada docente conforme sua formação.

6 Cartografia do saber

Diferenciando-se da cartografia tradicional, voltada ao mapeamento de territórios geográficos, a cartografia proposta neste trabalho focaliza os recursos tecnológicos direcionados ao ensino-aprendizagem em EaD. Portanto, esta Cartografia emerge como resultado deste artigo e da especialização realizada, caracterizando-se como:

1. Referencial teórico-prático para o ensino superior na modalidade EaD;
2. Consequência da atividade pedagógica proposta na especialização;
3. Ferramenta de visualização e reflexão sobre o ensino e a aprendizagem em contexto on-line.

A seguir, apresenta-se uma proposta de cartografia estruturada para este artigo, servindo de subsídio para profissionais que atuam ou pretendem atuar no EaD. Essa cartografia organiza os recursos tecnológicos a partir das modalidades oral e escrita da língua portuguesa, integrando ferramentas como Google Meet, Zoom, Camtasia, Microsoft Teams, Even3, StreamYard, YouTube e Vimeo para videoaulas e oralidade, e Google Classroom, Moodle, E-books, Canva, Microsoft Sway para materiais de apoio e escrita, agregando valor ao ecossistema da plataforma Blackboard.

O *Google Meet* é um recurso do ecossistema Google que permite a realização de videoconferências, disponível em navegadores e aplicativos móveis. Ele pode ser integrado diretamente ao *Google Sala de Aula (Classroom)*. Quando o professor agenda uma reunião, um link de acesso é gerado automaticamente para os estudantes, podendo ser publicado

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

também no mural da turma para otimizar a organização e tornar o acesso intuitivo. O uso do *Meet* facilita a integração com ferramentas como a agenda, o *Google Drive* e murais interativos, promovendo a organização docente e a clareza para os discentes.

O aplicativo *Zoom* assemelha-se ao *Meet*, porém apresenta-se como uma plataforma comercial de ferramentas avançadas. Oferece recursos para gravação de aulas e reuniões de forma nativa ou, alternativamente, em integração com softwares de terceiros como o *OBS Studio* — recurso técnico explorado durante a especialização.

Vale ressaltar que essa divisão não é excludente, mas aponta o enfoque principal dos recursos a partir das modalidades oral e escrita da língua portuguesa, agregando valor ao ecossistema da plataforma Blackboard.

As videoaulas e gravações passaram por uma revolução tecnológica impulsionada por softwares robustos de criação e edição. Canais como *YouTube*, *Google Drive* e *Vimeo* distribuem conteúdos de alta qualidade, destacando-se o uso do *Camtasia Studio* para a captura de tela e produção de vídeos profissionais (Santos; Santos; Silva, 2022). De acordo com Santos, Santos e Silva (2022), as principais funcionalidades do *Camtasia* incluem:

1. Ferramentas de Edição: Permitem a inserção de efeitos visuais, *zoom* para realce de pontos específicos, legendas, setas, gráficos e trilhas sonoras.
2. Narração Dinâmica: Possibilita a inserção de comentários em áudio, tornando a apresentação dinâmica.
3. Alta Resolução: Suporta a renderização de vídeos em alta definição aplicados a videoaulas, tutoriais e animações sem perda de qualidade.

Outro ecossistema relevante é o *Microsoft Teams*, definido como um hub digital que reúne conversas, reuniões, arquivos e aplicativos em um ambiente integrado ao Office 365, adaptável às necessidades de segurança de cada instituição de ensino (Microsoft, 2020). Conforme Ferreira, Capp e Nienov (2021 *apud* Santos; Santos; Silva, 2022), o software estrutura-se em quatro atributos básicos: bate-papo, central de trabalho, personalização e segurança de dados. A ferramenta expande as interações entre aluno e professor em cursos 100% online, híbridos ou presenciais.

O *Teams* possui um *layout* moderno com ferramentas colaborativas que transcendem o momento da chamada de vídeo. Cada equipe funciona como um grupo virtual exclusivo que possibilita a edição síncrona de documentos, compartilhamento de arquivos e controle de participação. Nesse ambiente, o professor pode disponibilizar de forma antecipada materiais, tarefas e links, otimizando o tempo de preparação da turma (Caldas, 2021).

7 Considerações finais

Este estudo utilizou a pesquisa bibliográfica associada ao estudo de caso focado nas práticas de docentes que utilizam recursos virtuais, notadamente

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

a plataforma *Blackboard*, para ministrar a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica. O estudo de caso permitiu vislumbrar a prática pedagógica permeada pela tecnologia dentro do AVA. Constatou-se que os recursos tecnológicos constituem métodos eficientes e necessários para a aprendizagem no cenário virtual.

A ação de mapear e descrever esses recursos culminou na proposta de uma Cartografia Pedagógica para o EaD. Sugere-se que tal cartografia seja difundida e expandida por meio de oficinas pedagógicas, visando instruir e conscientizar professores e alunos sobre o uso estratégico da tecnologia no ensino superior.

A experiência institucional com o AVA possibilitou uma articulação fecunda entre os espaços presenciais e virtuais, promovendo a interação de alunos e docentes de diversas áreas do conhecimento. Observou-se o desenvolvimento de um aprendizado multidisciplinar, o domínio de novas tecnologias, o estímulo à autonomia docente e discente e a melhoria na organização do tempo de estudo.

Por fim, a associação dos recursos tecnológicos como métodos para o EaD acende um alerta para os desafios de conectividade e engajamento, dado que parcelas de alunos demonstram resistência ou perdem prazos acadêmicos. Isso indica, *a priori*, que a autonomia e a gestão de tempo no contexto virtual ainda carecem de desenvolvimento. Tal cenário abre espaço para investigações futuras ou para um agenciamento técnico maior, como o uso de sistemas baseados em inteligência artificial integrados aos dispositivos móveis dos alunos para a automatização e notificação de calendários acadêmicos.

Referências

CALDAS, Alba H. F. Plataforma Teams: interação e ensino. Percursos Linguísticos, Vitória, v. 11, n. 29, p. 100-115, 2021. ISSN: 2236-2592.

GARCIA, T. C. Educação em tempos de pandemia: os desafios da mediação tecnológica. São Paulo: Penso, 2020.

KERSCH, D. F.; MARTINS, A. P. S.; SANTOS, G. K. (org.). Multiletramentos e o trabalho com projetos: (trans)formando a aprendizagem. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

KOHLBACHER, F. The use of qualitative content analysis in case study research. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, v. 7, n. 1, art. 21, jan. 2005.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, Vilson J. *et al.* Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020. E-book.

MEANS, B. *et al.* Learning online: what research tells us about whether, when and how. New York: Routledge, 2014.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

MICROSOFT. Microsoft Teams na educação. Redemond: Microsoft, 2020. Disponível em: https://www.microsoft.com. Acesso em: 15 mar. 2023.
MENDES, A. A. P.; ROMANOWSKI, J. P.; WUNSCH, L. P. (org.). Educação e Tecnologias: desafios dos cenários de aprendizagem. Curitiba: Bagai, 2020.
MORAN, J. M. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. Contrapontos, Itajaí, v. 4, n. 2, p. 347-356, maio/ago. 2004.
PAIVA, V. L. M. O. Ensino à distância em tempos de pandemia. Belo Horizonte: UFMG, 2020.
PHILP, J. *et al.* Peer interaction and second language learning. London: Routledge, 2014.
ROMANOWSKI, J. P. *et al.* As táticas docentes no ensino remoto emergencial. *In*: MENDES, A. A. P. (org.). Educação e Tecnologias: desafios dos cenários de aprendizagem. Curitiba: Bagai, 2020. p. 45-60.
SANTOS, Aicha G.; SANTOS, Rodrigo C. dos; SILVA, Alciene R. F. Ensino 4.0: a utilização do MS Teams para integração de aulas híbridas na Fatec São Sebastião. Refas: Revista Fatec Zona Sul, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 1-15, 2022.
TEIXEIRA, Marcelo M. *et al.* Teams: metodologias ativas para o processo de ensino e aprendizagem. *In*: Anais do VIII EPEPE... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83614. Acesso em: 31 ago. 2023.
WARSCHAUER, M. Learning in the cloud: how (and why) to transform schools with digital media. New York: Teachers College Press, 2011.
WARSCHAUER, M.; LIAW, M. L. E-learning and digital literacy. International Encyclopedia of Education, v. 5, p. 411-418, 2010.
YIN, R. K. Case Study Research: design and methods. 5. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

REFLEXÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

REFLECTIONS ON TEACHING IN HIGHER EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT IN DISTANCE EDUCATION

Dra. Monalisa Gazoli [1]
Dra. Elaine C. M. da Silva [2]

RESUMO

Com o objetivo de apresentar considerações sobre o ato de formar-se formador, utilizou-se o gênero textual relato de experiência para contextualizar reflexões e ações de uma docente junto ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em regime de colaboração entre os estados, municípios, Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior (IES). Dentre os resultados obtidos, destacam-se os avanços alcançados pela professora-formadora e pelas discentes no que se refere ao reconhecimento de diferentes métodos de alfabetização e à reflexão sobre suas adequações em sala de aula, bem como à análise crítica acerca da alfabetização na educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE
Disciplina “Fundamentos Teóricos e Metodologia da Alfabetização II”. Docência no Ensino Superior. Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor). Relato de Experiência.

ABSTRACT

With the aim of presenting considerations about the act of becoming a trainer, the textual genre experience report was used to contextualize reflections and actions of a teacher within the National Plan for Training Teachers in Basic Education (Parfor), implemented by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes), in collaboration between states, municipalities, the Federal District, and Higher Education Institutions (IES). Among the results obtained, the advances made by the teacher-trainer and the students stand out in terms of: recognition of different literacy methods and reflection on their suitability in the classroom; and reflection on literacy in Brazilian education, positioning themselves critically.

KEYWORDS

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E
INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Subject "Theoretical Foundations and Methodology of Literacy II". Higher Education Teaching. National Basic Education Teacher Training Plan (Parfor). Experience Report.

1 Introdução

Este artigo decorre do relatório de atividades docentes de uma das autoras, sendo a outra coordenadora do curso, e refere-se ao desenvolvimento, entre julho e dezembro de 2014, do Plano de Ensino Docente da disciplina *Fundamentos Teóricos e Metodologia da Alfabetização I* (Gazoli, 2014). Esse plano foi desenvolvido por meio de atividades realizadas como professor-formador I no Curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), implantado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em regime de colaboração com o Centro Universitário Católico Auxilium (UniSALESIANO), no campus de Lins-SP.

Todas as atividades desenvolvidas foram elaboradas em coerência com a missão [3] e os objetivos da instituição de ensino na qual o curso foi sediado, a saber:

> Promover a formação integral do homem, com valores éticos e cristãos. Preparar profissionais qualificados, buscando a síntese entre ciência, cultura e fé, à luz do Evangelho, da doutrina da igreja Católica e da pedagogia de Dom Bosco condensada no sistema preventivo, cuja missão se resume em contribuir na formação ética, cristã e salesiana de cidadão através da produção e difusão do conhecimento e da cultura. (GAZOLI, 2014, p. 1).

Em consonância com essa missão e com esses objetivos, o curso busca também "[...] a formação do profissional para atuar na Gestão do Trabalho Educacional na educação formal e não formal, na docência das matérias pedagógicas e dos anos iniciais do Ensino Fundamental" (Gazoli, 2014, p. 1).

Assim, o plano docente elaborado e aplicado pela professora-formadora ao longo do segundo semestre de 2014 seguiu as concepções filosóficas, pedagógicas e didáticas quanto aos processos de ensino e de aprendizagem apresentados a seguir.

As atividades desenvolvidas pela professora-formadora e pelas alunas [4] decorreram de concepções de ensino pautadas em princípios democráticos, buscando-se a articulação imprescindível entre teoria e prática educacional, pois:

> [...] a realidade precisa ser conhecida e explicada. Apenas assim, pelas dimensões filosóficas e teórico-práticas, é que a percepção empírica da realidade pode estar a serviço de sua real transformação. (MARTINS, 2008, p. 83, destaques da autora).

Coerentes com esse posicionamento, as interlocuções realizadas (orais ou escritas) foram consideradas momentos de ensino e de reais possibilidades

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

de aprendizagem. Tal concepção parte da compreensão de que todo discurso [5] constitui-se como uma "configuração textual", compreendida como:

> [...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000, p. 31).

Consciente da função precípua do educador — que é ensinar buscando formas eficientes de aprendizado por parte dos discentes —, aceitou-se o desafio de auxiliar na formação de futuras professoras, tendo como pressuposto que:

> À educação escolar, independente do nível ao qual nos refiramos, cumpre a função de transferir as conquistas científicas e culturais às novas gerações, possibilitando-lhes, pela via da apropriação de conhecimentos, o desenvolvimento das faculdades psíquicas humanas superiores e suas correspondentes habilidades operacionais. Esta função lança, de antemão, aos educadores, um grande desafio: desenvolver nos alunos capacidades intelectuais durante o processo de apropriação de conhecimentos de forma que os saberes adquiridos sejam utilizados com êxito e atuem como mediadores da relação dos indivíduos com a realidade. (MARTINS; ABRANTES, 2008, p. 87).

No decorrer de todos os encontros, utilizou-se o enfoque dialético como perspectiva didática para questionar concepções sobre problemas educacionais, objetivando respostas que ampliassem os conhecimentos teóricos e práticos. Essa perspectiva didática:

> [...] implica em algumas tarefas indissociáveis: partir da prática, assumindo-a como um desafio; refletir sobre a prática, buscando conhecer seus determinantes e captar a sua essência, projetando alternativas de ação; e transformar a prática, atuando de forma organizada na direção desejada. (FORESTI, 2008, p. 108-109).

Como se sabe, dialética é uma palavra "[...] composta pelo prefixo *día*, que quer dizer 'dois', e da terminação lética, derivada de *lógos* e do verbo *legein* [...]" (Chaui, 2009, p. 106). Assim:

> Como a própria palavra indica, dialética é um diálogo, um discurso compartilhado por dois interlocutores, ou uma conversa em que cada um possui opiniões opostas sobre alguma coisa e devem discutir ou argumentar de modo a superar essas opiniões

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

> contrárias e chegar à unidade de uma idéia que é a mesma para ambos [...]. (CHAUI, 2009, p. 106).

Apesar de a disciplina ter sido realizada na modalidade a distância [6], os encontros presenciais foram aproveitados como importantes momentos de ensino e de possibilidades de aprendizagem, buscando resgatar esse pressuposto na relação professor-aluno, por vezes negligenciado nas instituições de Ensino Superior na atualidade [7]. “Obviamente o ensino pressupõe muito mais que a aula, entretanto, é importante reiterá-la como um dos espaços imprescindíveis na promoção da aprendizagem.” (Martins, 2008, p. 78).

Desse modo, a opção pelo enfoque dialético decorreu do objetivo de suscitar reflexões e questionamentos sobre situações reais de docência vivenciadas pelas alunas (seja como docentes ou estagiárias na Educação Básica), com a finalidade de apresentar possibilidades de respostas diferentes ou mais abrangentes daquelas por elas apresentadas habitualmente, visto que:

> Em todas as suas dimensões, a formation universitária deve orientar-se pelo objetivo de desenvolver a capacidade de análise, o raciocínio abstrato, elemento vital na aquisição, construção e operacionalização relevantes do conhecimento. Para tanto, não é suficiente que o aluno esteja em contextos práticos pela via de ações reprodutivistas mecânicas, ainda que [...] [elas] se justifiquem em nome de futuras oportunidades de emprego ou inserção no mercado de trabalho. Concordamos que esta demanda deve ser sim, reconhecida e integrada aos compromissos educacionais; entretanto, condicionar a formação [...] ao mercado, implica grande empobrecimento de seus fins maiores. (MARTINS, 2008, p. 81).

Tendo como fundamentação teórica tais concepções filosóficas, pedagógicas e didáticas, estruturam-se a seguir três tópicos que destacam, respectivamente:

1. Os desafios enfrentados pelas alunas e pela professora-formadora;
2. Os resultados obtidos após os encontros e as atividades propostas, com ênfase nos avanços que essas práticas possibilitaram;
3. O avanço da legislação brasileira na modalidade a distância.

2 Desafios enfrentados pelas alunas e pela professora-formadora

Ao longo do semestre letivo abordado, tanto as alunas quanto a professora-formadora enfrentaram desafios acadêmicos distintos. As alunas tiveram de se superar em aspectos referentes à educação realizada a distância. O desafio da professora-formadora, por sua vez, concentrou-se na gestão da quantidade elevada de alunos na turma.

Em relação à educação a distância, foi possível avaliar que as alunas apresentavam dificuldades tanto no manuseio de equipamentos eletrônicos

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

— dentre eles o computador, ferramenta indispensável para as aulas a distância — quanto na apropriação da linguagem escrita, por meio da qual a comunicação nessa modalidade de ensino é predominantemente estabelecida.

Quanto ao primeiro aspecto (utilização do computador), observou-se que as alunas, em muitas ocasiões, não respondiam às mensagens eletrônicas ou deixavam de enviar suas dúvidas por não se sentirem à vontade com o equipamento. Durante os encontros presenciais, ao serem questionadas sobre a ausência de comunicação com a professora-formadora, muitas relataram que os familiares que as auxiliavam no envio [8] das mensagens (frequentemente filhos ou maridos) não tiveram disponibilidade no período. Apesar de compreender tal limitação, as alunas foram incentivadas a utilizar cada oportunidade como momento de aprendizado, inclusive no domínio dessa ferramenta técnica essencial ao trabalho docente.

Associada a essa barreira técnica, observou-se outra de ordem estrutural e linguística: a inabilidade em expressar-se com clareza por escrito, forma indissociável da EaD. Muitas alunas enviaram correios eletrônicos (*e-mails*) com conteúdos fragmentados ou com supressão de informações que comprometiam severamente a compreensão textual [9]. Esse aspecto revela a dificuldade das discentes em compreender o texto como uma "configuração textual", relegando o interlocutor ao segundo plano ou simplesmente omitindo-o do processo comunicativo. Nesses casos, a professora-formadora buscou questionar as alunas quanto ao papel desempenhado pelo interlocutor ausente, destacando que sua figura está sempre presente na relação de escrita. Avalia-se que essa limitação pedagógica só será superada por meio de atividades reiteradas de produção e reflexão textual.

Outra dificuldade observada pela professora-formadora residiu na maturidade intelectual acadêmica. Nesse âmbito, dois problemas graves foram evidenciados: o plágio de textos acadêmicos e a cópia recíproca de atividades entre as alunas.

Em relação ao plágio, foram frequentes as ocorrências de alunas que, ao sentirem dificuldades para elaborar um texto autoral, recorreram à cópia integral ou parcial de textos publicados on-line, omitindo as devidas citações e indicações bibliográficas. Em todas as ocasiões, a professora-formadora dialogou com as alunas sobre as consequências éticas e legais dessa atitude. Enfatizou-se que, embora o texto autoral iniciante possa parecer menos completo do que o de um autor experiente, a autoria é indispensável e ética no processo de aprendizagem, no qual o professor exerce a função de orientar, e não de punir. Compreende-se que a resistência das alunas em assumir a autoria decorre de uma visão histórica da relação entre professor e aprendiz baseada no poder, e não no ensino. Contudo, não se omitiu a constatação de que vários trabalhos entregues configuravam plágio deliberado, e não resumos, como alegado por algumas.

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Quanto à cópia de textos entre as alunas da turma, registraram-se dois casos específicos ao longo do semestre. Optou-se novamente pelo diálogo orientador; contudo, a consequência administrativa foi a não atribuição de nota à atividade, visto que ficou comprovada a reprodução idêntica do trabalho de outrem. O debate sobre o posicionamento ético foi indispensável, incitando as futuras pedagogas a refletirem sobre a postura profissional que adotarão no futuro.

Além dessas dificuldades acadêmicas, a professora-formadora enfrentou um problema prático: o elevado número de alunas na turma. Esse fator dificultou a realização de dinâmicas em sala de aula, uma vez que o espaço físico mostrou-se insuficiente. Assessorar, orientar e avaliar um contingente alto de alunos exige dedicação extrema; quando o número é excessivo, a complexidade do trabalho docente amplia-se. Como encaminhamento e registro do problema, a incompatibilidade entre o número de alunas e o mobiliário disponível foi apontada em relatório de avaliação institucional.

Infere-se que esse fenômeno decorreu do aumento expressivo de matrículas no Ensino Superior naquele período histórico, impulsionado por políticas públicas de democratização do acesso e oferta de bolsas de estudo [10].

3 Resultados obtidos

Ao longo do semestre letivo, a professora-formadora acompanhou o desenvolvimento conceitual e comportamental das alunas, tanto nas interlocuções orais nos encontros presenciais quanto nas interações escritas via correio eletrônico. Constataram-se assimetrias nítidas: enquanto parte das alunas demonstrou sérias resistências acadêmicas, outra parcela obteve avanços significativos na postura e na apropriação teórica.

Uma parcela das estudantes manifestou dificuldades em compreender a relevância dos conteúdos programáticos propostos. Essa conclusão fundamenta-se na análise das produções orais e escritas emitidas por elas. Em alguns casos, as discentes elaboraram textos que guardavam características de "redação escolar" primária, cujo objetivo limitava-se ao cumprimento burocrático de uma tarefa, sem reflexão crítica sobre o tema. Conforme mencionado, nos casos mais graves, recorreu-se ao plágio de fontes externas ou à cópia de colegas.

Compreende-se que os objetivos que motivam um autor a escrever um texto autoral diferem substancialmente daqueles que movem a escrita de uma redação escolar burocrática. No primeiro caso, o sujeito assume a responsabilidade pelo que diz ao seu interlocutor, articulando conceitos e refletindo sobre suas próprias afirmações. No segundo caso, contudo, o objetivo dialógico inexiste; o sujeito não se posiciona como locutor real, escrevendo apenas para preencher linhas e entregar a tarefa. Essa postura mecânica foi observada em parte da turma e, apesar das intervenções da professora-formadora, tendeu a persistir. Essa resistência pode ser explicada

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

por um histórico escolar pautado na reprodução e na memorização, que não estimula a autoria:

> [...] a produção de texto por estudante em condição escolar já é marcada, em sua origem, por uma situação muito particular, onde são negadas à língua algumas de suas características básicas de emprego, a saber: a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo. O caráter artificial desta situação dominará todo o processo de produção da redação, sendo fator determinante de seu resultado [...]. (BRITTO, 2006, p. 126).

Em contrapartida, outra parcela das alunas superou tais dificuldades e engajou-se efetivamente no exercício da autoria. Essas estudantes envolveram-se com o próprio processo formativo, dedicando-se à elaboração de textos complexos que traduziam angústias, dúvidas e reflexões teóricas genuínas, construídas a partir das leituras e das mediações realizadas em sala de aula.

Em síntese, o semestre ofereceu situações que convidaram as acadêmicas a refletir criticamente sobre a formação profissional e sobre o eixo central da disciplina: a alfabetização. Embora esse convite tenha recebido respostas distintas entre as alunas, considera-se que todas tiveram a oportunidade de confrontar e reavaliar suas concepções prévias sobre o ato de ensinar.

4 Avanço da legislação na modalidade a distância

O processo de compreensão dos mecanismos, ferramentas e especificidades do estudo virtual interfere diretamente no sucesso educacional. Diante das dificuldades apontadas, faz-se necessária uma engenharia jurídica que discipline a modalidade e crie canais para que diferentes gerações usufruam conscientemente do ambiente digital, desenvolvendo as habilidades necessárias tanto ao aprendiz quanto ao formador.

Na busca por normatizar esse cenário, a legislação sobre a EaD no Brasil evoluiu gradativamente. O marco inicial estruturante encontra-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), cujo artigo 80 instituiu as bases legais para o incentivo e o desenvolvimento de programas a distância.

Posteriormente, o Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamentou o referido artigo 80, conceituou a modalidade da seguinte forma:

> [...] uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (BRASIL, 1998).

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Na sequência dos avanços normativos, o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, revogou as disposições anteriores e estabeleceu novas diretrizes para o credenciamento de instituições, exames presenciais e controle de qualidade da EaD no país. No ano seguinte, o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006 (conhecido como Decreto da Regulação), organizou as funções de regulação, supervisão e avaliação de cursos superiores no sistema federal de ensino, unificando os processos tanto para a modalidade presencial quanto a distância.

Mais tarde, o Conselho Nacional de Educação publicou a Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de março de 2016, estabelecendo diretrizes e padrões nacionais específicos para a oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu* e graduação em EaD. Visando modernizar o fluxo de credenciamento e descentralizar a oferta, sobreveio o Decreto nº 9.057, de 25 de abril de 2017, legislação que atualmente rege a EaD no país, permitindo a abertura de polos e a ampliação da oferta de cursos de graduação e pós-graduação sem a necessidade de credenciamento presencial prévio concomitante.

Essas leis fornecem a estrutura jurídica indispensável para a implementação de programas virtuais no Brasil. Diante dessas possibilidades normativas, o UniSALESIANO permitiu a realização desta experiência acadêmica, voltada a angariar *expertise* sobre a modalidade, mantendo firme o propósito do enfoque dialético mesmo em componentes curriculares híbridos. O intuito principal consiste em usar as ferramentas digitais como suporte técnico para que os momentos presenciais ganhem densidade crítica na discussão da realidade docente das alunas.

Essa trajetória institucional de hibridismo, que buscava o fortalecimento mútuo entre os contextos síncronos e assíncronos, sofreu uma interrupção abrupta devido à crise sanitária global provocada pela pandemia de covid-19 em março de 2020. A chegada do vírus obrigou os órgãos reguladores educacionais a deliberarem em caráter de urgência, autorizando o ensino remoto emergencial a fim de mitigar os prejuízos civis e pedagógicos decorrentes do isolamento social.

A pandemia evidenciou a urgência da formação continuada de professores para o uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Ficou evidente que expressiva parcela de alunos e profissionais não dominava as tecnologias como ferramentas de trabalho intelectual, mas apenas como entretenimento. Além disso, a crise expôs as profundas desigualdades socioeconômicas do país: a falta de conectividade, a ausência de equipamentos nos lares vulneráveis e a escassez de preparo pedagógico impuseram barreiras severas ao engajamento dos estudantes.

Pesquisas indicam que o fechamento prolongado das escolas e os limites do ensino remoto geraram perdas de aprendizagem históricas, sobretudo entre estudantes vulneráveis, ampliando as desigualdades e gerando defasagens nas habilidades cognitivas e socioemocionais. Estudos do período pós-pandêmico apontam que os impactos mais severos ocorreram

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

justamente nos processos de alfabetização inicial, compreensão leitora e raciocínio lógico, devido à falta de mediação pedagógica direta e de suporte familiar estruturado.

Um estudo realizado no Brasil constatou que o risco de evasão escolar aumentou em 365% durante o período remoto emergencial, e as pontuações médias em exames padronizados decresceram cerca de 0,32 desvios-padrão. Esse cenário afetou diretamente os índices do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que registraram queda e não alcançaram as metas projetadas para 2021. Investigações complementares sugerem que, em algumas regiões brasileiras, a defasagem acumulada em leitura e escrita equivale a até quatro anos de escolarização regular.

Evidentemente, a defasagem educacional é um problema complexo que exige ações multifacetadas, incluindo a reformulação de práticas docentes, o uso de tecnologias educacionais acessíveis e políticas de busca ativa e reforço escolar. Como contrapartida positiva, o período pandêmico forçou a aceleração de investimentos em infraestrutura tecnológica pelas redes de ensino, incluindo a aquisição de plataformas de aprendizagem (*Learning Management Systems* - LMS) e a capacitação emergencial de milhares de docentes em metodologias ativas on-line.

A experiência compulsória com o ambiente digital demonstrou a instituições e alunos que a EaD, se conduzida com rigor técnico e seriedade, constitui uma alternativa viável e robusta para complementar o ensino presencial. As ferramentas de monitoramento analítico das plataformas tornaram-se mais sofisticadas, permitindo acompanhar o desempenho discente com maior precisão.

Atualmente, a EaD consolida-se como a modalidade de ensino que apresenta as maiores taxas de crescimento no Ensino Superior brasileiro. Esse crescimento reposiciona o papel do professor, exigindo novas competências criativas e organizacionais, enquanto exige do estudante um perfil proativo, autônomo e consciente de seus objetivos de estudo no espaço virtual.

5 Considerações finais

A partir das considerações apresentadas neste relato de experiência, conclui-se que os objetivos estabelecidos no Plano de Ensino Docente da disciplina *Fundamentos Teóricos e Metodologia da Alfabetização I* (Gazoli, 2014) foram satisfatoriamente atingidos. Ao longo do semestre letivo do Parfor, no UniSALESIANO, em Lins-SP, a docência buscou contribuir diretamente para a qualificação do ensino na escola básica, capacitando professoras em exercício e aprimorando a organização do trabalho pedagógico.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Evidenciou-se que as atividades propostas permitiram à professora-formadora criar situações didáticas propícias para que as alunas se apropriassem de conceitos fundamentais sobre a leitura, a escrita e as especificidades do processo de alfabetização, oferecendo subsídios práticos para o reconhecimento dos níveis de hipótese da escrita por meio de sondagens diagnósticas. Por sua vez, as alunas demonstraram capacidade de reconhecer diferentes métodos alfabetizadores, refletindo sobre sua aplicação em sala de aula e posicionando-se de forma crítica diante do panorama da educação nacional.

Diante do exposto, depreende-se que a educação a distância não deve ser encarada como uma atividade meramente isolada ou de reprodução mecânica de textos, mas sim como uma rede de relacionamentos pedagógicos capaz de integrar a aprendizagem individual ao esforço coletivo e colaborativo de grupos de estudo.

A expansão de oportunidades formativas requer uma nova postura dos atores educacionais: exige professores flexíveis, criativos e abertos à inovação metodológica, bem como alunos engajados, autônomos e conscientes de seu papel político na construção do conhecimento, tornando-os aptos a intervir positivamente na sociedade da qual fazem parte.

Referências

BRANDÃO, Helena H. N. Introdução à análise do discurso. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf. Acesso em: 04 sep. 2023.

BRITTO, Luiz P. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). *In*: GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 117-126.

CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. 13. ed. São Paulo: Ática, 2009.

FORESTI, Miriam C. P. P. Sobre prática pedagógica, planejamento e metodologia de ensino: a articulação necessária. *In*: PINHO, Sheila Zambello de (org.). Oficinas de Estudos Pedagógicos: reflexões sobre a prática do ensino superior. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 107-118.

GAZOLI, Monalisa R. Plano de ensino docente: Disciplina Fundamentos Teóricos e Metodologia da Alfabetização I. Lins: UniSALESIANO, 2014. Mimeografado.

MARTINS, Lígia M. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade. *In*: PINHO, Sheila Zambello de (org.). Oficinas de Estudos Pedagógicos:

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

reflexões sobre a prática do ensino superior. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 73-85.
MARTINS, Lígia M.; ABRANTES, Ângelo A. Relações entre conteúdos de ensino e processos de pensamento. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Ângelo Antônio (org.). Oficinas de Estudos Pedagógicos: reflexões sobre a prática do ensino superior. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 87-103.
MORTATTI, Maria do R. L. Os sentidos da alfabetização: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
UNICEF. Covid-19: mais de 97% dos estudantes ainda estão fora das salas de aula na América Latina e no Caribe. Brasília, DF: UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2020b. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de97-por-cento-dos-estudantes-ainda-estao-fora-das-salas-de-aula-na-america-latina-e-nocaribe. Acesso em: 4 set. 2023.
UNICEF. Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão frequentando a escola no Brasil, alerta UNICEF. Brasília, DF: UNICEF, 2022. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil. Acesso em: 2 set. 2023.

Notas de Rodapé / Identificação Administrativa

[1] Professora Doutora em Educação. Docente do Curso de Pedagogia do UniSALESIANO. E-mail: monalisa_gazoli@hotmail.com
[2] Professora Doutora em Educação. Coordenadora do Curso de Pedagogia do UniSALESIANO. E-mail: elainecristina0467@gmail.com
[3] Missão institucional extraída dos arquivos de desenvolvimento institucional contidos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do Centro Universitário Católico Auxilium (UniSALESIANO).
[4] Utiliza-se o termo flexionado no feminino ("alunas", "professoras") em virtude de a turma do Parfor/Curso de Pedagogia analisada ser constituída exclusivamente por estudantes do sexo feminino.
[5] Conforme postula Brandão (2004), o discurso reflete as condições socio-históricas de sua produção, não se limitando a uma estrutura gramatical abstrata, mas operando como prática socializadora de linguagem.
[6] Trata-se do regime letivo especial em vigor na instituição durante a oferta modularizada da disciplina de Fundamentos Teóricos de Alfabetização no segundo semestre de 2014.
[7] Registre-se que, nas discussões promovidas por Martins (2008), o esvaziamento do espaço físico e a precarização da aula tradicional impactam negativamente a fixação de conceitos científicos de nível superior.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E
INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

[8] Essa dinâmica de suporte familiar externo denota o conceito de letramento digital assistido ou compartilhado, recorrente em turmas de formação de professores de faixas etárias mais elevadas.
[9] A supressão vocabular e a fragmentação sintática assemelham-se às produções escritas da modalidade oral descritas por Britto (2006).
[10] Alusão ao processo de expansão das vagas no ensino superior via bolsas de incentivo e financiamentos educacionais do Governo Federal vigentes na primeira metade da década de 2010.

ISBN: 978-65-02-42492-6

EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PERÍODO PANDÊMICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN THE YOUTH AND ADULT EDUCATION DISCIPLINE DURING THE PANDEMIC PERIOD: AN EXPERIENCE REPORT

Adriana Monteiro Piromali Guarizo [1]
Denise Rocha Pereira [2]

RESUMO

Este artigo apresenta o relato de uma experiência pedagógica vivenciada, em 2020, pela docente da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no curso de Pedagogia do UniSALESIANO Lins. Por meio de um estudo de caso exploratório e qualitativo, a experiência teve como cerne a análise da utilização das tecnologias digitais no trabalho de campo dos acadêmicos e de sua interação com estudantes do Ensino Fundamental I da modalidade EJA. Objetivou-se contribuir para a compreensão desse sujeito e de suas necessidades, considerando a alfabetização e o letramento digital no contexto da pandemia de covid-19. Como resultados, destacam-se a reflexão dos acadêmicos sobre a importância do ensino presencial para jovens e adultos não alfabetizados e a relevância da tecnologia para a manutenção de vínculos e para a continuidade da oferta da EJA durante o período pandêmico.

PALAVRAS-CHAVE
Educação de Jovens e Adultos. Ensino Superior. Tecnologia Digital.

ABSTRACT

This paper presents a report of a pedagogical experience lived in 2020 by the professor of the Youth and Adult Education (EJA) discipline in the Pedagogy course at UniSALESIANO Lins. Through an exploratory and qualitative case study, this experience focused on analyzing both the use of digital technologies in the academics' fieldwork and their interaction with elementary school students in the EJA modality. The objective was to contribute to the understanding of this subject and their needs, considering literacy and digital literacy within the context of the covid-19 pandemic. The results highlighted the academics' reflection on the importance of face-to-face teaching for non-literate young people and adults, as well as the relevance of technology for maintaining bonds and continuing the provision of EJA during the pandemic period.

KEYWORDS

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Youth and Adult Education. Higher Education. Digital Technology.

1 Introdução

Durante o período pandêmico dos anos de 2020 e 2021, a educação brasileira e mundial teve de incorporar ao cotidiano, de forma súbita e intensa, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em decorrência da necessidade do distanciamento social imposto. Embora as TICs já estivessem presentes na vida contemporânea, ocorreu a ruptura abrupta da interação presencial sem uma previsão inicial de retorno aos modelos anteriores, tornando o ambiente digital quase o único meio para a continuidade do desenvolvimento educacional.

No curso de Pedagogia, a docente responsável pela disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA) vinha buscando, ao longo dos anos, estreitar os laços entre o Ensino Superior e a modalidade da EJA voltada ao Ensino Fundamental I. Essa articulação promovia trocas de experiências entre os alunos de Pedagogia e os discentes da EJA por meio de diferentes estratégias: visitações *in loco* para ambos os públicos, oferta de oficinas, construção de jogos de alfabetização voltados a alunos em processo inicial da escrita e realização de entrevistas para a identificação do perfil do estudante da EJA — englobando suas histórias, necessidades, anseios e objetivos educacionais. Para além dos estudos teóricos, a disciplina proporcionava vivências fundamentais para a sensibilização e a compreensão prática desse perfil discente.

Com o advento da pandemia, a utilização de ferramentas do ecossistema Google, tais como o *Google Meet* e o *Google Classroom*, além de gravadores de vídeo e redes sociais, constituiu o arcabouço tecnológico empregado para dar continuidade ao trabalho interativo entre os acadêmicos de Pedagogia e os alunos da EJA. Contudo, essa transição forçada também trouxe à tona o grave problema da exclusão social e digital que afeta essa modalidade.

O presente artigo propõe-se a apresentar um estudo de caso sobre essa experiência docente, relatando as práticas vivenciadas e tematizando eixos centrais como o ensino remoto emergencial, as ferramentas tecnológicas adotadas e as perspectivas futuras da EJA a partir de uma proposta pedagógica remota direcionada ao futuro pedagogo.

2 O ensino remoto não é EaD: implicações para compreender o cenário contemporâneo

Para compreender os fenômenos que afetaram o processo educativo no momento pandêmico — e, especificamente neste trabalho, as mudanças ocorridas no curso de Pedagogia e na EJA —, faz-se necessário conceituar a diferença entre o ensino remoto emergencial e a Educação a Distância (EaD).

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

De forma repentina, o formato presencial de escolas e universidades sofreu uma reconfiguração compulsória. Entre os meses de março e abril de 2020, as instituições passaram a operar por meio do denominado "ensino remoto". Essa estratégia, pautada em interações preferencialmente síncronas, foi a resposta imediata para a continuidade das atividades educacionais. Tratava-se, em tese, de uma solução temporária até que o retorno seguro ao espaço físico fosse viabilizado. Nesse formato, educadores e educandos deveriam conectar-se ao mesmo tempo (de forma síncrona) em ambientes digitais, estando localizados em espaços físicos distintos.

Por outro lado, a EaD é uma modalidade de ensino formalmente prevista e regulamentada na legislação educacional brasileira. Essa modalidade estrutura-se conceitualmente por meio de atividades síncronas e assíncronas planejadas previamente. O formato síncrono ocorre geralmente por transmissões ao vivo (*lives*) e *chats*, ao passo que o formato assíncrono se desenvolve em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) por meio de fóruns, correios eletrônicos e tarefas guiadas com o suporte de tutores dedicados.

Embora o escopo deste artigo não seja a discussão aprofundada da EaD, ressalta-se que o ensino remoto emergencial apropriou-se dos suportes técnicos dessa modalidade como modelo inicial para o seu estabelecimento. Nesse contexto emergencial, o Ministério da Educação (MEC) manifestou-se por meio de sucessivas portarias normativas, sem, contudo, efetivar os investimentos financeiros estruturais demandados pela complexa realidade socioeducativa. Na prática, a continuidade do ano letivo sustentou-se pelo esforço e compromisso direto das instituições de ensino, dos estados e dos municípios, que precisaram agir com celeridade.

No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais:

> [...] enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19, para instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino. Posteriormente, tal Portaria recebeu ajustes e acréscimos por meio das Portarias nos 345, de 19 de março de 2020, e 356, de 20 de março de 2020. Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da COVID-19 (BRASIL, 2020, p. 1).

O próprio relatório do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2020) apontou os graves impactos decorrentes da suspensão prolongada das atividades escolares presenciais:

> A possibilidade de longa duração da suspensão das atividades escolares presenciais por conta da pandemia da COVID-19 poderá

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

> acarretar: a) dificuldade para reposição de forma presencial da integralidade das aulas suspensas ao final do período de emergência, com o comprometimento ainda do calendário escolar de 2021 e, eventualmente, também de 2022; b) retrocessos do processo educacional e da aprendizagem aos estudantes submetidos a longo período sem atividades educacionais regulares, tendo em vista a indefinição do tempo de isolamento; c) danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda, como stress familiar e aumento da violência doméstica para as famílias, de modo geral; e d) abandono e aumento da evasão escolar (BRASIL, 2020, p. 3).

Somado a esse cenário, o sistema educacional enfrentou contingenciamentos de recursos durante o período. Dentre todos os prejuízos, a Educação Infantil e o primeiro segmento da EJA (correspondente do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental) figuraram como as etapas mais severamente afetadas devido à dependência intrínseca da interação presencial. A interação direta constitui um dos eixos estruturantes do currículo na Educação Infantil (Brasil, 2017) e, na EJA, desempenha papel vital no processo de alfabetização inicial, sobretudo quando associada à ausência de redes de apoio técnico ou familiar nos lares dos estudantes para a realização das tarefas.

Torna-se pertinente delinear os fundamentos legais da EaD para a EJA a fim de compreender as inconsistências metodológicas geradas pelo ensino remoto. A educação a distância está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), que regulamenta tanto o Ensino Superior quanto a EJA. No Ensino Superior, além dos cursos integralmente a distância, autoriza-se legalmente a introdução de percentuais de carga horária em EaD em cursos presenciais.

Nesse âmbito, destaca-se que o Decreto nº 9.057/2017 buscou ampliar a difusão da EaD em território nacional, reconfigurando diretrizes da LDB. Em seu artigo 1º, o decreto assegura que a educação a distância ocorra por meio de tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado e políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis. Na prática do mercado educacional, contudo, observou-se que o acompanhamento pedagógico não ocorreu com a qualidade preconizada pela legislação em determinados polos autorizados, os quais operavam com projetos pedagógicos frágeis.

Antes do referido decreto, vigorava a Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de março de 2016, que estabelecia as normas para a oferta de cursos superiores na modalidade EaD. O Decreto nº 9.057/2017 alinhou-se à Portaria Normativa nº 11/2017, estabelecendo regras para o credenciamento de instituições, produção de material didático e acompanhamento da aprendizagem. Posteriormente, a Portaria de 21 de dezembro de 2017 regulamentou os fluxos de credenciamento, reconhecimento e aditamento institucional.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

A alteração normativa mais recente para os cursos presenciais adveio com a Portaria MEC nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019, que autorizou a oferta de até 40% da carga horária total do curso na modalidade a distância para graduações presenciais integrantes do Sistema Federal de Ensino, desde que referendada pelas respectivas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs).

Para a EJA — modalidade da Educação Básica que atende indivíduos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria —, o ensino a distância também encontrou amparo legal na LDB nº 9.394/1996 e no Decreto nº 5.622/2005. A regulamentação específica desse segmento deu-se por meio da Resolução CNE/CEB nº 3/2010. O Parecer CNE/CEB nº 6/2010 estabeleceu diretrizes operacionais estritas para a oferta, destacando-se as seguintes determinações pertinentes à discussão do ensino remoto:

1. A oferta de EJA, desenvolvida por meio da Educação a Distância, não seja utilizada no primeiro segmento do Ensino Fundamental, dada suas características próprias que demandam relação presencial. [...] 4. A EJA desenvolvida por meio da EAD, no 2º segmento do Ensino Fundamental, seja feita em comunidade de aprendizagem em rede, com aplicação, dentre outras, das TIC na "busca inteligente" e na interatividade virtual, com garantia de ambiente presencial escolar devidamente organizado para as práticas de informática com internet, de grupos/turmas por projetos interdisciplinares, bem como para aquelas relativas à formação profissional e gestão coletiva do trabalho, conjugadas às demais políticas setoriais do governo.
2. A EJA desenvolvida por meio da EAD, no Ensino Médio, além dos requisitos estabelecidos para o 2º segmento Ensino Fundamental, seja desenvolvida de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens multimídia.
3. A infraestrutura tecnológica, como polo de apoio pedagógico às atividades escolares, garanta acesso dos estudantes à biblioteca, rádio, televisão e internet aberta às possibilidades da convergência digital (BRASIL, 2010).

O item 1 veda explicitamente a recomendação de EaD no primeiro segmento da EJA (do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). O estudante dessa etapa inicial encontra-se, majoritariamente, em processo de alfabetização rudimentar e não dispõe de autonomia digital ou suporte familiar em sua residência para a execução autônoma das tarefas virtuais. Durante o ensino remoto emergencial, essa barreira técnica e social evidenciou-se de forma dramática. Conforme relatado pelos docentes parceiros da experiência, muitos alunos da EJA precisavam compartilhar um único aparelho celular

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

com seus filhos em idade escolar; outros careciam de pacotes de dados estáveis ou demonstravam letramento digital incipiente, subutilizando os recursos disponíveis.

3 A disciplina de Educação de Jovens e Adultos: o encontro entre futuros pedagogos e alunos da EJA

A disciplina de Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia do UniSALESIANO possui estrutura semestral e adota as seguintes intencionalidades educativas em seu Plano de Ensino:

1. Instrumentalizar os discentes para a análise crítica sobre o processo de exclusão social e analfabetismo;
2. Organizar visitas para a observação *in loco* do trabalho pedagógico com jovens e adultos;
3. Possibilitar a ampliação da visão e a valorização da cultura popular para a construção de um currículo significativo;
4. Propiciar leituras, debates e entrevistas como caminhos para a construção do conhecimento sobre a relevância social da EJA;
5. Conhecer estratégias metodológicas específicas para o trabalho com a modalidade;
6. Utilizar os preceitos da Psicogênese da Língua Escrita para analisar os processos de apropriação da escrita pelo sujeito adulto.

Os conteúdos programáticos essenciais articulam as Práticas Educativas na EJA, os Sujeitos do Processo Educativo, Analfabetismo e Cidadania, as Contribuições de Paulo Freire na Educação Popular, a Proposta Curricular do Primeiro Segmento, os Aspectos Legais e os Processos de Leitura e Escrita na EJA.

Até o ano de 2019, as práticas metodológicas presenciais incluíam aulas expositivas dialogadas, seminários, análise de vídeos e visitas técnicas detalhadas à escola de EJA local, culminando em oficinas de alfabetização focadas na consciência fonológica e na aplicação de entrevistas semiestruturadas com os alunos da EJA, devidamente autorizadas por meio de termos de consentimento escrito. Essa imersão prática sensibilizava os futuros pedagogos quanto à exclusão social e ao impacto dessa realidade na constituição do analfabetismo funcional.

O projeto de entrevistas, intitulado “Um encontro precioso: impressões e sentimentos sobre a entrevista dos estudantes de pedagogia a estudantes da EJA”, gerou relatos de intensa carga reflexiva e emocional por parte dos acadêmicos de Pedagogia:

> Esta experiência com Educação de Jovens e Adultos foi realmente gratificante, tanto do ponto de vista acadêmico quanto pessoal. O contato com essas pessoas nos fez acreditar que os sonhos nunca morrem, somente adormecem em nossa alma. Em especial com a Maria Aparecida, que me deu a liberdade de dirigir-me a ela como

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

> "você", num gesto de carinho e espontaneidade. A simplicidade de seu sonho me comoveu (Aluno N).
>
> Assim que comecei a entrevista vi uma mulher batalhadora com sonhos e muita vontade de mudar sua história buscando novas aprendizagens e melhora de vida, uma guerreira com os olhos brilhando disse com toda certeza do seu coração que o sonho dela é desenhar roupas. Este momento foi inspirador, me abriu os olhos para não desistir dos sonhos por mais que venham as lutas devemos continuar sempre em frente e não desanimar (Aluno T).
>
> Logo que iniciei a entrevista, pude notar alegria e entusiasmo que o aluno apresentava, ao contar sua trajetória e suas experiências. José Hélio é um senhor de 57 anos que nos inspira com sua alegria, sua história de vida e de superação, logo que saiu do serviço por motivos de saúde e ainda usa aparelho auditivo, mas isso não é motivo para deixá-lo entristecido. Senhor José relatou que quando entrou na escola não sabia assinar seu próprio nome e que ficava constrangido com essa situação, mas por vontade própria procurou a escola e agora já sabe escrever seu nome completo e também levou seu irmão para estudar junto com ele. Um dos momentos mais marcantes foi quando o senhor José me deu um exemplo da necessidade de ir para a escola, dizendo que para ir em qualquer lugar, você precisa ler as placas para poder chegar em seu destino, sem os estudos você não chega a lugar nenhum. Sem a escola não conseguimos alcançar nossos objetivos e sonhos (Aluna P).

Ao término do roteiro de campo, os acadêmicos registraram suas considerações finais, conectando as vivências empíricas aos aportes teóricos estudados:

> Essa entrevista me ajudou a entender a vida dos alunos que frequentam o EJA, sua história de vida e experiências já vividas. Porque para nós como futuros pedagogos, é muito importante entendermos as hipóteses de nossos alunos. Retomando a ideia de Alonso Tapia (2005) sobre o tripé da motivação, com relação às expectativas, essas estão relacionadas com a sensação de ser capaz de que esses alunos e alunas, geralmente, não trazem com eles. E porque não trazem? Não trazem por que a vida, geralmente, não lhes ensinou a serem merecedores de coisas boas, não oportunizou serem bem-sucedidos in seus investimentos em vários campos. Trazem, por isso, a sensação de não serem capazes, introjetadas no corpo e na alma (desamparo aprendido). Precisam ser motivados desse lugar de incapazes para um lugar de "quem pode", "de quem consegue", "de quem aprende" (Aluna P).

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

> Entrevista me mostrou a importância de não abandonar os sonhos, mesmo que o senhor José estando mais velho, mas ele não desistiu dos seus sonhos e foi atrás, buscando sua autonomia. Uma das funções do EJA: Equalizadora, vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação (Aluna P).
>
> Os alunos do EJA são, em sua maioria, pessoas simples e com muitas histórias de luta e persistência. Apesar de terem tido poucas oportunidades de ensino, vê-se que pequenos gestos de gentileza as fazem sentir-se notadas e respeitadas. Pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206, deve prevalecer a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola" para que se promova o "bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, col, idade e quaisquer formas de discriminação" (artigo 3) (Aluno N).

Com o início do período de isolamento social em 2020, o desafio central consistiu em transpor essa rica interação humana para as plataformas digitais. O uso síncrono das tecnologias permitiu que os futuros pedagogos compreendessem as vulnerabilidades tecnológicas e sociais dos sujeitos da EJA no cenário de crise global, reforçando o entendimento de que a mediação digital exige infraestrutura inclusiva e sólida preparação metodológica por parte das redes de ensino.

O encontro entre os alunos da EJA e do curso de Pedagogia cumpriu seu papel, ampliando o olhar dos futuros educadores e revelando-lhes o quanto os discentes da EJA são detentores de saberes diversos, a despeito da ausência de escolaridade prévia. Em seus relatos, os acadêmicos demonstraram a articulação entre a teoria estudada em sala de aula e a prática, realizando análises críticas consistentes sobre a condição posta àqueles a quem foram negados diversos direitos fundamentais, entre os quais os educacionais. Evidencia-se uma estreita relação entre o analfabetismo e a exclusão social, o que demanda um olhar macro estrutural sobre a sociedade. De acordo com Schwartz (2013, p. 91), a "desigualdade influi de forma decisiva nas condições de vida do sujeito. Ninguém é analfabeto por escolha própria. As pessoas são analfabetas devido às condições objetivas".

Contudo, a partir do início do período pandêmico, tornou-se inviável a utilização das mesmas estratégias pedagógicas com os educandos. Nesse

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

momento, no âmbito da EJA, a tecnologia não conseguia suprir todas as necessidades dos sujeitos aprendizes, os quais necessitavam conquistar a autonomia na compreensão da palavra escrita, embora já possuíssem um amplo conhecimento de mundo. Inobstante tais limitações, a tecnologia logrou cumprir o papel de canal para a manutenção dos laços afetivos, do incentivo e do apoio psicopedagógico essenciais para evitar a evasão, conforme se verifica no relato de experiência apresentado a seguir.

4 Experiências do curso de Pedagogia: trocas com a EJA no período de pandemia

Até o início do ano letivo de 2020, as atividades acadêmicas desenvolveram-se de forma presencial. Na segunda quinzena de março, com a paralisação decorrente da pandemia de covid-19, implementaram-se mudanças estruturais: as aulas passaram a ocorrer de forma síncrona por meio das ferramentas da plataforma *Google Workspace for Education*; os encontros eram realizados em tempo integral (quatro aulas) pelo *Google Meet*, com suporte do *chat* e do *Google Classroom*. Adicionalmente, grupos de *WhatsApp* foram utilizados para partilhas, avisos, lembretes e diálogos contínuos. Todo o material didático e os planos de ensino foram disponibilizados no ambiente do *Google Classroom*.

O formato de visita técnica e de entrevista semiestruturada presencial, ocorridas anteriormente de forma sistemática, precisou ser substituído por uma proposta alternativa que assegurasse aos futuros pedagogos o conhecimento do perfil dos alunos da EJA, compreendendo suas lutas, histórias de vida e motivações institucionais.

Uma das medidas adotadas foi o contato com a coordenação responsável pela EJA local, solicitando a viabilidade de encontros virtuais por meio de vídeos. No município onde se realizou a experiência, não foram implementadas aulas síncronas para a EJA; os docentes organizaram-se para imprimir as atividades e disponibilizá-las para retirada na unidade escolar, sendo que muitos professores realizavam a entrega voluntária nos lares dos estudantes. Todavia, essa logística não foi suficiente para assegurar a permanência total dos alunos na modalidade frente às barreiras socioeconômicas e estruturais já explicitadas neste trabalho.

Participaram da atividade três professores regentes de salas de EJA e todos os acadêmicos matriculados na disciplina de Pedagogia no primeiro bimestre de 2020. Os estudantes da EJA que consentiram em participar da experiência gravaram vídeos curtos pelo celular abordando a importância da escola em suas vidas. Os discentes que não puderam participar apontaram como óbices principais a falta de orientação domiciliar para o manejo dos aparelhos, a ausência de internet estável ou o sentimento de timidez frente às câmeras.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Obteve-se um total de 15 depoimentos, os quais foram encaminhados à docente responsável pela disciplina no Ensino Superior e às professoras da educação básica. Posteriormente, os arquivos foram compartilhados no grupo de *WhatsApp* da turma de Pedagogia, permitindo que os acadêmicos conhecessem de forma remota a realidade dos sujeitos pesquisados.

Aos discentes do curso de Pedagogia coube emitir um retorno aos vídeos recebidos, gravando mensagens audiovisuais de incentivo e de reconhecimento do papel social da EJA. Os acadêmicos puderam optar por respostas individualizadas ou por manifestações coletivas direcionadas às turmas.

Durante a crise sanitária, os estudantes da EJA — constituídos em sua maioria por idosos — foram inseridos nos grupos de risco devido à vulnerabilidade ao vírus da covid-19, razão pela qual o retorno às atividades presenciais ocorreu somente no final de 2021. Nesse interregno, o desafio central consistia em mitigar a evasão escolar. As professoras participantes alimentavam os grupos de *WhatsApp* como estratégia de manutenção dos elos pedagógicos, processo para o qual a produção dos vídeos e os respectivos retornos dos acadêmicos de Pedagogia contribuíram significativamente.

Apresentam-se, a seguir, os excertos dos áudios transcritos dos estudantes de Pedagogia, os quais ilustram o impacto provocado pelos depoimentos da EJA:

> Oi M., tudo bem? Meu nome é K., estou no primeiro ano de Pedagogia e para mim é uma inspiração ter escutado seu áudio. Eu tenho 36 anos e voltei a fazer a faculdade agora e é tão bom ver o quanto você está empenhada em seus estudos e o quanto você quer crescer. Eu acho que é isso que nos faz mover a vida, buscar coisas melhores que nos somam como pessoas e seres humanos. E eu quero falar para você continuar no seu caminho que eu tenho certeza que você terá uma conquista muito bonita. A faculdade com certeza será o seu alcance e se você está determinada a isso, com certeza você vai ter sua vitória. Eu estou estudando a EJA e estou muito feliz de estar estudando e ver como é bonito vocês, o empenho e a vontade de estudar. Você é muito vitoriosa! Um beijo! (Aluna de Pedagogia K.).
>
> Oi Sr. I., bom dia! Meu nome é L., estudante de Pedagogia do Unisalesiano e daqui a 6 meses estarei formada, a ideia me assustou um pouco [risos]. Durante esse semestre eu estudei sobre a EJA, aprendi muito sobre como ensinar vocês, aprendi muito, eu gostei demais, eu aprendi a respeitar a história de vocês e o conhecimento de vocês. Eu recebi vários depoimentos, mas o do senhor me emocionou muito. O senhor é um guerreiro. Parabéns, viu! Devido às circunstâncias (Pandemia) tem sido difícil estudar, mas temos que pensar que isso vai passar e melhorar.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Que bom que o senhor decidiu voltar a estudar, fico muito contente e conhecimento não ocupa lugar, né! Te desejo muita saúde, e mais uma vez muito obrigada pelo seu depoimento, foi muito importante para mim. Gratidão e fique com Deus e até mais. Tchau. (Aluna de Pedagogia L).

Olá alunos! Tudo bem? Eu sou a J., aluna do curso de Pedagogia e eu venho por meio desse vídeo parabenizar vocês, porque no meio disso tudo que está acontecendo (Pandemia) vocês ainda terem tanta garra, tanta força de vontade, e isso é muito lindo. E eu queria por meio deste vídeo, deixar o meu apoio para que vocês não desistam, continuem com essa ânsia de saber. Esses vídeos de vocês inspiram até a gente mesmo. Tanta coisa que está acontecendo hoje, a gente às vezes desanima em algumas coisas, mas vendo os vídeos de vocês e áudios que escutamos parece que deu uma chacoalhada, olha esses alunos no meio de tudo isso ainda... Eu queria parabenizar e agradecer. Eu tinha colegas que estavam desanimadas e eu mesma estava desanimada e parece que esses vídeos deram um chacoalhão na gente. Então eu queria dizer muito obrigada a vocês e que vocês nunca desistam! Continuem com essa gana do saber. (Aluna de Pedagogia J.).

Oi! Meu nome é A., sou do sétimo semestre de Pedagogia, me formo este ano e através da professora Denise, nas aulas de Educação de Jovens e Adultos, tivemos acesso aos vídeos de vocês, de cada um de vocês. E cada história me emocionou muito, porque são histórias verdadeiras, são histórias tristes, são histórias que fazem com que percebamos o quanto vocês foram deixados de lado, e saber que voltaram para a escola e que tiveram essa coragem, mesmo sendo difícil porque estudar não é uma coisa fácil, ainda mais que quando somos adultos temos tantas responsabilidades e saber que vocês voltaram é inspirador e eu fico muito feliz de ter visto o vídeo de cada um de vocês e a única coisa que quero dizer é que continuem e não parem, que será uma jornada difícil, não é fácil, porque aprender não é tão fácil o quanto parece ser e que continuem com essa coragem que vocês têm e que demonstraram e que tudo dê certo, apesar de tudo isso que está acontecendo com essa COVID 19, de tudo que está acontecendo e das aulas terem parado, não desanimem, não desistam, continuem e o que eu puder ajudar, o curso de Pedagogia, nós queremos ajudar. Vocês são inspiradores, fico muito feliz, de uma certa maneira eu me identifiquei, por uma questão familiar, meus avós também não tiveram acesso à educação. Vocês são inspiradores e espero que tudo dê certo! Eu

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

> respeito muito vocês e muito obrigada por terem compartilhado a história de vocês conosco! Se cuidem! (Aluna de Pedagogia A.).

Outra proposta solicitada consistiu na criação de uma postagem informativa em redes sociais institucionais ou pessoais voltada à divulgação das vagas da EJA ofertadas nos municípios de residência dos acadêmicos. Como a instituição de ensino superior atende estudantes de diferentes localidades da região, solicitou-se previamente um mapeamento sobre a oferta local da modalidade. Essa ação iniciou-se antes da suspensão das atividades presenciais e teve continuidade com a turma do segundo semestre letivo da disciplina. A Figura 1 ilustra uma das postagens veiculadas na rede social *Facebook*.

O objetivo central das postagens residia em capilarizar a divulgação da EJA. Sabendo que parcela significativa da comunidade acessa redes sociais, a iniciativa visava atingir potenciais estudantes interessados em se alfabetizar ou retomar os estudos na Educação Básica, direcionando-os às Secretarias Municipais ou Estaduais de Educação (conforme o segmento de ensino).

Os resultados dessa interlocução remota evidenciaram os limites e as possibilidades da tecnologia quando aplicada a uma modalidade de ensino multifatorial atravessada pela exclusão digital. Sob a perspectiva da formação docente, a experiência mostrou-se essencial para a sensibilização dos futuros educadores. Os relatos transcritos indicam o quanto os acadêmicos foram mobilizados pela trajetória de resiliência dos sujeitos da EJA. A mediação via *WhatsApp* e produção audiovisual constituiu uma ferramenta humanizadora, assegurando a compreensão de que a docência nessa modalidade pressupõe empatia e compromisso social.

Conforme preconiza a Proposta Curricular para o 1º Segmento da EJA (Brasil, 2001), certas características são indispensáveis ao educador, destacando-se a capacidade de solidatizar-se com os educandos, a abertura para enfrentar desafios estruturais e a convicção de que todos os sujeitos do processo são capazes de ensinar e aprender. O documento reitera a:

> [...] necessidade de o educador conhecer seus educandos, suas expectativas, sua cultura, as características e problemas de seu entorno próximo, suas necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2001, p. 46).

5 Considerações finais

Paulo Freire transformou a história da educação brasileira, especialmente ao ressignificar o estatuto epistemológico e político da Educação de Jovens e Adultos a partir da década de 1960. O autor afirmava que a educação se consolida no diálogo e na relação de respeito mútuo entre educandos e educadores — preceito que se fez translúcido na experiência descrita neste

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

artigo. Para Freire, Freire e Oliveira (2009), a prática educativa ganha sentido na compreensão e na presença ontológica dos seres humanos. Como sujeitos inconclusos e conscientes de sua historicidade, os indivíduos inserem-se no processo educativo como um ato de humanização, visto que a própria educação é:

> [...] um evento histórico. Isto quer dizer que a educação muda no tempo e no espaço (FREIRE, 2009, p. 24).

Em suma, esta experiência pedagógica precisou adaptar-se às contingências de tempo e espaço impostas pela crise sanitária, expondo as vulnerabilidades do público da EJA. Paralelamente, sob a perspectiva da filosofia salesiana, a prática pedagógica reavivou o princípio da *amorevolezza* (amorização/afetividade) no coração dos futuros educadores, qualificando sua preparação para o exercício da docência humana e inclusiva.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: . Acesso em: 12 set. 2023.
BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: . Acesso em: 12 set. 2023.
BRASIL. Ministério da Educação. Educação de Jovens e Adultos: ensino fundamental: proposta curricular – 1º segmento. Coordenação de Vera Maria Masagão Ribeiro. Brasília, DF: MEC/Ação Educativa, 2001.
BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 6/2010, de 7 de junho de 2010. Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: CNE, 2010. Disponível em: . Acesso em: 13 set. 2023.
BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: CNE, 2010. Disponível em: . Acesso em: 13 set. 2023.
BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de março de 2016. Estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância. Brasília, DF: CNE, 2016. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2023.
BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 11, de 20 de junho de 2017. Regulamenta o credenciamento de instituições para a oferta de cursos na modalidade a distância. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2023.
BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2023.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2023.
BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2023.
BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 15/2020, de 6 de outubro de 2020. Diretrizes Curriculares Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040/2020. Brasília, DF: CNE, 2020. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2023.
FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Pedagogia da Solidariedade. São Paulo: Villa das Letras, 2009.
SCHWARTZ, Suzana. Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2013.

Notas de Rodapé / Identificação Administrativa

[1] Pedagoga. Mestra e Doutora em Letras. Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (UniSALESIANO), Campus Lins. E-mail: adriana@unisalesiano.edu.br
[2] Pedagoga. Mestra e Doutora em Educação. Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (UniSALESIANO), Campus Lins. E-mail: deniserochap@hotmail.com

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

AGRICULTURA ANCESTRAL BOE: PA MERIGUDU JIBOE – MEMÓRIAS DAS ROÇAS MECANIZADAS DA ALDEIA MERURI

ANCESTRAL BOE AGRICULTURE: PA MERIGUDU JIBOE – MEMORIES OF THE MECHANIZED ROÇAS / FIELDS OF THE MERURI VILLAGE

Elaine Cristina Moreira da Silva[1]
elainecristina0467@gmail.com
José Mário Kugarubo Bororo[2]
jose.kugarubo@gmail.com
Lourenço Filho Pirojibo Bororo[3]
lourencofilhopirojibo@gmail.com

[1] Doutora - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO, Lins-SP
[23] Graduandos em Pedagogia – UniSALESIANO, Polo Aldeia Meruri, MT..

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e registrar a experiência das roças mecanizadas desenvolvidas na Aldeia Meruri, do povo Boe (Bororo), durante a década de 1980. A proposta da pesquisa surgiu no âmbito do Curso de Pedagogia, a partir da escuta de narrativas que compõem a memória dos anciãos da comunidade. Constatou-se a escassez de registros escritos sobre o tema, o que conferiu relevância à memória oral como fonte principal de investigação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na história oral, realizada por meio de entrevistas abertas com oito moradores e anciãos da Aldeia Meruri que vivenciaram ou acompanharam o referido período. Buscou-se compreender o funcionamento das roças mecanizadas, a organização do trabalho coletivo, os fatores que contribuíram para o encerramento do projeto e os impactos decorrentes para a comunidade. Os resultados indicam que o projeto, implantado por meio de parceria envolvendo órgãos governamentais e a Missão Salesiana, proporcionou expressivo aumento da produção de arroz, com safras que ultrapassaram 1.200 sacas de 60 kg, e contribuiu para a segurança alimentar e para o fortalecimento do trabalho coletivo. O encerramento das atividades ocorreu de forma gradual, em decorrência da descontinuidade do apoio governamental, das dificuldades de manutenção dos maquinários, dos custos de combustível e da ausência de formação técnica para gestão autônoma. Após o fim do projeto, observaram-se mudanças nos hábitos alimentares, com maior dependência de alimentos industrializados adquiridos fora da aldeia, bem como transformações nas formas de sustento e nas áreas anteriormente cultivadas. Conclui-se que o registro dessas memórias constitui relevante instrumento de valorização da história local, de fortalecimento identitário e de reflexão sobre modelos sustentáveis de

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

produção alimentar que articulem tecnologia, autonomia e saberes tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE
Povo Boe Bororo. Aldeia Meruri. Memória oral. Roças mecanizadas. Segurança alimentar.

ABSTRACT

This study aims to analyze and record the experience of mechanized fields developed in the Meruri Village, of the Boe (Bororo) people, during the 1980s. The research proposal emerged within the Pedagogy Course, from listening to narratives that make up the memory of the community elders. The scarcity of written records on the topic conferred relevance to oral memory as the main source of investigation. This is a qualitative research, based on oral history, carried out through open interviews with eight residents and elders of the Meruri Village who experienced or followed that period. The study sought to understand the functioning of mechanized fields, the organization of collective work, the factors that contributed to the end of the project and the resulting impacts on the community. Results indicate that the project, implemented through a partnership involving governmental agencies and the Salesian Mission, provided a significant increase in rice production, with harvests exceeding 1,200 bags of 60 kg, and contributed to food security and strengthening collective work. The closure of activities occurred gradually, due to the discontinuity of governmental support, difficulties in maintaining machinery, fuel costs and lack of technical training for autonomous management. After the end of the project, changes were observed in eating habits, with greater dependence on industrialized foods purchased outside the village, as well as transformations in livelihoods and in previously cultivated areas. It is concluded that recording these memories constitutes a relevant instrument for valuing local history, strengthening identity and reflecting on sustainable models of food production that articulate technology, autonomy and traditional knowledge.

KEYWORDS
Boe Bororo people. Meruri Village. Oral memory. Mechanized fields. Food security.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho emergiu durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do Curso de Pedagogia, quando se iniciou a definição do objeto de pesquisa. Nesse processo, recordaram-se diversas conversas

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

escutadas dos mais velhos da Aldeia Meruri, nas quais relatavam um tempo em que a comunidade produzia grande quantidade de arroz, trabalhava de forma coletiva e dispunha de ampla produção de alimentos.

Tais narrativas despertaram curiosidade e, ao mesmo tempo, preocupação, em razão da quase inexistência de registros escritos sobre essa experiência. Ao longo do Curso de Pedagogia, compreendeu-se que a educação não ocorre exclusivamente no espaço escolar, mas também por meio da convivência, das experiências e das histórias narradas pelos mais velhos.

Na aldeia, os anciãos ensinam por intermédio de suas lembranças e auxiliam os mais jovens a compreender a história da comunidade. Dessa forma, entendeu-se que registrar essas memórias consiste também em valorizar o conhecimento do povo Boe (Bororo).

As disciplinas do curso possibilitaram um olhar mais atento sobre a realidade comunitária, suscitando reflexões sobre alimentação, meio ambiente, direitos dos povos indígenas e importância de pesquisar e registrar a própria história.

Essas reflexões conduziram à percepção sobre a relevância da alimentação, da produção de alimentos e da autonomia das comunidades indígenas. Observou-se que diversos projetos relevantes ocorreram no passado e que parte dessas experiências permanece restrita à memória dos anciãos.

Uma dessas experiências refere-se às roças mecanizadas que funcionaram na Aldeia Meruri durante a década de 1980. Nos relatos dos entrevistados, esse período foi marcado por intenso trabalho, organização coletiva e expressiva produção. Muitos anciãos recordam que a produção de arroz alcançava mais de 1.200 sacas de 60 kg, garantindo alimento para as famílias durante grande parte do ano.

Uma fala que se destacou durante a pesquisa foi a de um entrevistado, que recordou aquele tempo como período de fartura, no qual dificilmente faltava arroz para as famílias. Outros anciãos entrevistados também rememoram esse período como tempo de grande esforço coletivo, porém com resultados significativos para a comunidade.

Ao conversar com os anciãos, constatou-se a existência de divergências entre as lembranças, especialmente quanto à organização do trabalho. Alguns recordam que o trabalho era organizado em cinco grupos, enquanto outros afirmam que existiam sete grupos distribuídos entre a sede da aldeia e as aldeias menores. Também surgiram diferenças em relação a datas, lideranças e detalhes organizacionais. Tais divergências evidenciam que se está trabalhando com memória oral e que cada sujeito guarda recordações distintas sobre o mesmo acontecimento.

A ausência de documentos escritos sobre as roças mecanizadas tornou a memória oral dos anciãos ainda mais relevante para este estudo. Em várias entrevistas, ouviu-se que não há registros documentais desse

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

período, de modo que grande parte das informações precisou ser reconstruída a partir das lembranças dos moradores que participaram diretamente do projeto ou acompanharam aquela época.

O problema que orientou esta pesquisa consistiu em compreender por que as roças mecanizadas da Aldeia Meruri foram interrompidas e quais impactos essa interrupção trouxe para a comunidade ao longo dos anos. Essa questão mostra-se relevante porque muitos moradores recordam os benefícios do projeto e relatam dificuldades surgidas após seu encerramento. Nos relatos, aprendeu-se que o projeto recebeu apoio externo do governo, com fornecimento de máquinas, combustível e outros insumos. Contudo, com o passar dos anos, esse apoio diminuiu, as máquinas começaram a apresentar defeitos, os custos de conserto elevaram-se e a continuidade do projeto tornou-se cada vez mais difícil.

A principal hipótese deste trabalho é que a interrupção das roças mecanizadas decorreu, sobretudo, da falta de continuidade do apoio governamental e da dificuldade de manutenção dos equipamentos após o encerramento desse suporte. Os relatos dos anciãos indicam, ainda, que não houve processo suficiente de formação técnica que permitisse à própria comunidade realizar a manutenção dos maquinários e dar continuidade ao projeto de forma autônoma.

Além da produção de arroz, este estudo busca refletir sobre os impactos que essa mudança acarretou para a vida comunitária. Os entrevistados explicam que, antes das roças mecanizadas, a população vivia principalmente da caça, da pesca, da coleta e das pequenas roças tradicionais. Durante o período das roças, houve aumento expressivo da produção de arroz, o que proporcionou maior segurança alimentar a muitas famílias.

Após o encerramento do projeto, a realidade modificou-se. Atualmente, muitas famílias complementam a renda com artesanato, agricultura familiar, criação de animais, piscicultura e programas sociais. Os entrevistados relatam que a alimentação da comunidade também sofreu alterações ao longo do tempo, principalmente com a inserção de alimentos industrializados consumidos pelas gerações mais jovens.

Outro aspecto percebido durante a pesquisa refere-se à preocupação dos anciãos com a transmissão dos conhecimentos aos mais jovens. Muitos afirmam que a juventude atual conhece pouco sobre a história das roças mecanizadas e sobre a forma como o trabalho era organizado. Por essa razão, consideram relevante registrar essas experiências para que não sejam esquecidas.

Diante dessa realidade, formulou-se a seguinte questão norteadora: o que a comunidade pode aprender com a experiência das roças mecanizadas? Conhecer essa história não contribui apenas para rememorar o passado, mas também para refletir sobre alimentação, cuidado com a terra e perspectivas futuras.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Dessa forma, estabeleceu-se como objetivo geral deste trabalho analisar e registrar a experiência das roças mecanizadas desenvolvidas na Aldeia Meruri a partir das lembranças dos anciãos e moradores que participaram desse período. Como objetivos específicos, pretende-se: a) registrar os relatos orais; b) identificar a organização dos grupos de trabalho; c) compreender o uso das máquinas e dos insumos; d) analisar as razões do encerramento do projeto; e e) refletir sobre as mudanças na alimentação e na organização comunitária após o fim das roças mecanizadas.

Mais do que exigência do Curso de Pedagogia, este trabalho visa valorizar a memória dos anciãos e registrar parte da história da Aldeia Meruri. Espera-se que essas informações auxiliem os jovens a conhecer melhor o passado da comunidade e a refletir sobre produção de alimentos e preservação cultural do povo Boe (Bororo).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A memória e a oralidade na vida dos povos indígenas

Muitas comunidades indígenas preservam sua história por meio da oralidade. Histórias, ensinamentos e lembranças são transmitidos de uma geração a outra pela fala dos mais velhos. Antes dos documentos escritos, os povos indígenas já transmitiam conhecimentos sobre cultura, trabalho, alimentação, território e convivência por intermédio da palavra.

Na Aldeia Meruri, muitas informações sobre as roças mecanizadas encontram-se guardadas na memória dos anciãos que vivenciaram aquele período. Durante a pesquisa, observou-se que diversos detalhes sobre o funcionamento das roças não estão registrados em livros ou documentos, permanecendo vivos porque ainda são lembrados e narrados pelos moradores mais velhos da comunidade.

Segundo Zumthor (1993), a oralidade constitui forma relevante de transmissão de conhecimentos e de preservação da memória dos povos. Quando uma história é contada e recontada ao longo do tempo, contribui para manter viva a identidade de uma comunidade.

Durante as conversas com os anciãos, um deles comentou que a história do povo não pode ser esquecida, pois auxilia os mais jovens a compreender quem são e de onde vieram. Essa fala evidencia que a memória não serve apenas para recordar o passado, mas também para fortalecer a identidade das novas gerações.

Atualmente, há indígenas Bororo cursando graduação, especialização, mestrado e doutorado, divulgando sua cultura e fortalecendo o conhecimento do povo.

Para o povo Boe (Bororo), a oralidade continua sendo uma das formas mais importantes de transmissão dos saberes. Muitas histórias, ensinamentos e orientações permanecem sendo compartilhados pelos

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

anciãos durante conversas familiares, reuniões e momentos de convivência comunitária.

2.2 Terra, alimentação e comunidade

A terra possui grande importância para os povos indígenas, não constituindo apenas local para plantio ou moradia, mas integrando a vida, a cultura, a sobrevivência e a identidade das comunidades. Os mais velhos recordam que, antes das roças mecanizadas, muitas famílias viviam da caça, da pesca, da coleta de frutos e de pequenas roças. Com a chegada do projeto, a produção de arroz aumentou significativamente, trazendo mudanças para a alimentação da comunidade.

Os entrevistados também lembram que o plantio já fazia parte da vida comunitária antes da chegada das máquinas. As roças mecanizadas ampliaram a produção, mas não substituíram os conhecimentos tradicionais preexistentes. Muitos saberes sobre cuidado com a terra, época de plantio e importância dos alimentos já integravam a cultura do povo Boe (Bororo).

Segundo eles, a produção chegava a mais de mil sacas de arroz, o que permitia que muitas famílias dispusessem de alimento durante boa parte do ano. Os entrevistados recordam, ainda, que havia segurança alimentar e menor dependência da compra de alimentos na cidade.

Altieri (2002) destaca que a produção de alimentos possui relação direta com a autonomia das comunidades. Quando uma população consegue produzir parte significativa de sua alimentação, fortalece sua independência e capacidade de organização. Ao ouvir os entrevistados, percebe-se que eles enfatizam essa autonomia, lembrando que, naquele tempo, grande parte da alimentação provinha da própria comunidade, o que proporcionava maior segurança às famílias.

Ao escutar os anciãos, compreende-se que essa questão permanece relevante na atualidade. Muitos demonstram preocupação com a diminuição da produção agrícola e com o aumento da dependência de alimentos adquiridos fora da aldeia.

As falas evidenciam que os hábitos alimentares se modificaram. Durante o período das roças mecanizadas, grande parte da alimentação provinha da produção local e do trabalho coletivo. Atualmente, muitas famílias dependem de alimentos comprados em mercados da cidade e de produtos industrializados que passaram a compor o cotidiano das novas gerações.

Por essa razão, refletir sobre as roças mecanizadas implica refletir sobre alimentação, sustentabilidade, autonomia e futuro da comunidade. Durante as entrevistas, percebeu-se que os anciãos relacionam a produção de alimentos não apenas à questão econômica e financeira, mas também ao cuidado com a comunidade. Produzir alimentos significa garantir melhores

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E
INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

condições de vida para as famílias e fortalecer a permanência das pessoas em seu território.

2.3 Educação e ensinamentos dos mais velhos

Durante o Curso de Pedagogia, aprendeu-se que a educação ocorre em diferentes espaços. A escola é importante, mas não constitui o único lugar de aprendizagem.

Nas comunidades indígenas, os mais velhos exercem papel fundamental na transmissão de conhecimentos, ensinando por meio de histórias, conselhos, experiências de vida e práticas cotidianas.

Brandão (2002) explica que existem muitos conhecimentos construídos fora da escola que também possuem grande valor para a formação humana. Esse entendimento auxilia no reconhecimento da importância dos saberes comunitários.

O educador indígena Baniwa (2019) destaca que a escola indígena precisa valorizar os conhecimentos produzidos pelas próprias comunidades. Para ele, os saberes dos anciãos integram a educação dos povos indígenas e contribuem para o fortalecimento identitário das novas gerações.

Durante esta pesquisa, aprendeu-se muito ao ouvir os entrevistados. Em diversos momentos, percebeu-se que as histórias sobre as roças mecanizadas não se referiam apenas à agricultura, mas tratavam de organização, responsabilidade, união, trabalho coletivo e cuidado com a comunidade.

Ao registrar as lembranças dos anciãos, contribui-se para que essas histórias permaneçam acessíveis às gerações futuras e possam servir como fonte de aprendizagem para estudantes, pesquisadores e moradores da comunidade.

Portanto, entende-se que este trabalho possui também caráter educativo, pois, ao registrar as lembranças dos anciãos, preservam-se conhecimentos que poderão continuar ensinando outras pessoas no futuro. Durante a pesquisa, compreendeu-se que muitos conhecimentos não se encontram registrados em livros, mas permanecem vivos por continuarem sendo ensinados pelos mais velhos, constituindo uma das experiências mais significativas deste trabalho.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa, fundamentada na memória oral dos moradores da Aldeia Meruri. Optou-se por essa abordagem em razão da escassez de documentos escritos sobre as roças mecanizadas que funcionaram na comunidade durante a década de 1980. Assim, a principal forma de conhecer essa história consistiu em ouvir as pessoas que participaram ou acompanharam aquele período.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

A pesquisa foi realizada na Aldeia Meruri, localizada no município de General Carneiro, estado de Mato Grosso. Foram entrevistados oito moradores da comunidade que vivenciaram ou acompanharam a experiência das roças mecanizadas. Entre os participantes, encontram-se lideranças, anciãos e moradores que guardam lembranças desse período.

As entrevistas foram realizadas no mês de junho de 2026, por meio de conversas realizadas nas residências dos participantes e em espaços comunitários. Procurou-se deixar os entrevistados à vontade para narrar suas lembranças da forma que julgassem mais relevante, em vez de seguir roteiro rígido de perguntas, buscando ouvir suas histórias e experiências relacionadas ao trabalho nas roças.

As entrevistas ocorreram de forma aberta, permitindo que cada participante relatasse suas memórias livremente. As conversas tiveram duração variável e foram registradas por meio de anotações realizadas pelos pesquisadores.

Durante as entrevistas, foram realizados registros de informações relevantes. As perguntas buscaram compreender como o projeto teve início, como se dava a organização dos grupos, quais máquinas eram utilizadas, como ocorria a divisão da produção e quais fatores contribuíram para o encerramento das atividades.

Buscou-se, também, identificar as mudanças ocorridas na comunidade após o fim das roças mecanizadas, principalmente em relação à alimentação, à organização do trabalho e à transmissão dos conhecimentos às novas gerações.

Após a realização das entrevistas, os relatos foram organizados e comparados. Em alguns momentos, surgiram informações divergentes entre os participantes, especialmente quanto ao número de grupos de trabalho e a alguns detalhes da organização das atividades. Essas diferenças foram mantidas na pesquisa, pois integram as lembranças individuais de cada entrevistado e auxiliam na compreensão da riqueza da memória oral da comunidade.

A partir da organização dos relatos, foi possível construir descrição sobre o funcionamento das roças mecanizadas, seus principais resultados, as dificuldades encontradas e os impactos ainda perceptíveis na Aldeia Meruri.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Como começaram as roças mecanizadas

Durante as entrevistas, os moradores mais velhos da Aldeia Meruri recordaram que as roças mecanizadas tiveram início na década de 1980. O projeto chegou à comunidade por meio de parceria envolvendo órgãos governamentais e a Missão Salesiana, que já atuava na região.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

As roças mecanizadas surgiram em período relevante da história do Brasil. Naquela época, o país vivia os últimos anos do regime militar, conhecido como Ditadura Militar (1964-1985). Durante esse período, muitas decisões relacionadas aos povos indígenas eram tomadas pelo governo federal, e diversos projetos foram implantados em comunidades indígenas de diferentes regiões do país.

Ao estudar esse período, compreendeu-se que nem tudo ocorria de forma simples para os povos indígenas, pois muitas decisões eram tomadas sem a participação das próprias comunidades. Dessa forma, ao mesmo tempo em que alguns projetos trouxeram benefícios, também existiam dificuldades que afetavam os povos indígenas em diferentes partes do Brasil.

Segundo os relatos dos entrevistados, foi nesse contexto que a Aldeia Meruri recebeu apoio para desenvolver as roças mecanizadas. Naquele período, muitos povos indígenas passavam por transformações em sua forma de viver e produzir alimentos. Ao mesmo tempo em que buscavam manter costumes e cultura, conviviam com propostas trazidas por órgãos governamentais e outras instituições. Foi nesse cenário que surgiu a experiência das roças mecanizadas na Aldeia Meruri.

O projeto trouxe máquinas, sementes, combustível e outros recursos que auxiliaram no aumento da produção de arroz. Segundo os relatos, a proposta tinha como objetivo elevar a produção de alimentos e melhorar as condições de vida da comunidade. A intenção era produzir arroz em quantidade suficiente para atender às necessidades das famílias e reduzir os períodos de escassez alimentar que ocorriam em alguns momentos. Para muitas famílias, aquele foi um período de grande produção e de fortalecimento do trabalho coletivo.

Ao mesmo tempo, a experiência evidencia que muitas ações desenvolvidas naquele período dependiam fortemente do apoio governamental para continuar funcionando. Quando esse apoio diminuiu, surgiram dificuldades para manter as máquinas, adquirir combustível e dar continuidade ao projeto da mesma forma que anteriormente.

Os entrevistados relatam que a chegada do projeto trouxe grande expectativa à comunidade. Naquela época, muitas famílias viviam da caça, da pesca, da coleta de frutos e de pequenas roças. Quando surgiu a oportunidade de trabalhar com máquinas e aumentar a produção de alimentos, muitas pessoas ficaram entusiasmadas. Segundo o senhor Miguel, “todo mundo queria participar porque era uma oportunidade de melhorar a vida da comunidade”.

Segundo os relatos, as máquinas chegaram acompanhadas de sementes, combustível e outros materiais relevantes para o funcionamento do projeto. Os entrevistados lembram que havia apoio para o desenvolvimento das atividades, o que auxiliou significativamente no início dos trabalhos.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Durante a pesquisa, surgiram divergências nas lembranças dos participantes. Alguns entrevistados recordam que existiam cinco grupos de trabalho, enquanto outros afirmam que eram sete grupos distribuídos entre a sede da aldeia e as aldeias menores. Mesmo com essas diferenças, todos concordam que o trabalho era realizado de forma organizada e coletiva. Os relatos indicam que os grupos eram formados principalmente por famílias da comunidade. Cada grupo possuía lideranças responsáveis pela organização das atividades e pela orientação dos participantes. Segundo os entrevistados, homens, mulheres e jovens participavam dos trabalhos de acordo com suas possibilidades, fortalecendo o caráter coletivo da produção.

Entre as lideranças lembradas pelos entrevistados, destacam-se João, José, Tarcísio, Landrico, Francisco Assis, Bernardo, Raimundo, Domingos Sávio Lopes e Francisco Chico.

Os entrevistados relatam que o trabalho começava cedo e que as lideranças auxiliavam na divisão das tarefas e no acompanhamento das atividades nas áreas de plantio. Muitas pessoas saíam para as áreas de produção logo pela manhã e permaneciam trabalhando até o final da tarde. Enquanto alguns trabalhavam diretamente no plantio e na colheita, outros auxiliavam na organização dos materiais, alimentação das equipes e transporte da produção.

Aspecto que aparece com frequência nas entrevistas é a lembrança da união entre as famílias. Os participantes relatam que havia sentimento de colaboração muito forte naquele período, pois todos sabiam que a produção beneficiaria a comunidade e, por isso, procuravam contribuir da melhor maneira possível.

Os entrevistados também recordam que os mais velhos ensinavam os mais jovens durante o trabalho. Muitas pessoas aprenderam observando os familiares e participando das atividades cotidianas. Além da produção de alimentos, as roças mecanizadas tornaram-se espaço de aprendizagem e convivência comunitária.

Ao analisar os relatos, percebe-se que as lembranças sobre o início das roças mecanizadas são marcadas, principalmente, por sentimentos de esperança, organização e trabalho coletivo. Mesmo após muitos anos, os entrevistados ainda se referem a esse período com orgulho, destacando a importância que o projeto teve para a comunidade naquele momento histórico da Aldeia Meruri.

4.2 Como era o trabalho nas roças

Após o início do funcionamento das roças mecanizadas, a comunidade passou a vivenciar nova experiência de trabalho. As atividades eram realizadas de forma organizada e envolviam muitas pessoas da Aldeia Meruri. Cada grupo possuía suas responsabilidades, e todos participavam visando ao benefício coletivo que a produção traria às famílias.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Os relatos evidenciam que o trabalho ocorria durante todo o ciclo produtivo, sendo necessário preparar a terra, realizar o plantio, acompanhar o desenvolvimento da lavoura e participar da colheita. Cada etapa exigia organização e colaboração entre os participantes.

Segundo os entrevistados, as máquinas desempenharam papel importante para o aumento da produção agrícola. Os relatos mencionam a utilização de equipamentos para preparo do solo e colheita do arroz, além de combustível, óleo e outros materiais necessários para manutenção dos maquinários.

Os participantes relatam que havia cronograma para utilização dos equipamentos, o que auxiliava para que todos os grupos tivessem acesso às máquinas durante as diferentes etapas do trabalho. Segundo as lembranças dos entrevistados, o cacique e as lideranças acompanhavam esse processo para garantir que as atividades ocorressem de forma organizada.

De acordo com os relatos, a área cultivada chegava a aproximadamente quinze hectares, sendo o arroz a principal cultura. Alguns entrevistados afirmam que a produção chegou a ultrapassar 1.200 sacas em determinadas safras.

A colheita constituía um dos momentos mais importantes do trabalho. Quando o arroz era recolhido, iniciava-se a etapa de transporte da produção para os locais de armazenamento e posterior distribuição às famílias da comunidade.

Os entrevistados lembram da utilização de um caminhão Mercedes-Benz e de um veículo conhecido como Mondrongo para o transporte da produção. Esses veículos eram fundamentais para deslocar o arroz das áreas de plantio até os locais de armazenamento e distribuição.

Após a colheita, o arroz era dividido entre as famílias da comunidade. Os relatos evidenciam que a produção tinha como objetivo principal garantir alimentação aos moradores da Aldeia Meruri, permitindo que muitas famílias dispusessem de alimento durante boa parte do ano.

Os entrevistados explicam que a distribuição procurava respeitar a realidade de cada família. Segundo as lembranças dos participantes, eram considerados aspectos como número de pessoas e participação nos grupos de trabalho. Dessa forma, a produção beneficiava diretamente as famílias da comunidade.

Os entrevistados relatam que aquele período proporcionou sensação de segurança a muitas famílias, pois parte importante da alimentação era produzida na própria comunidade, diminuindo a dependência da compra de alimentos na cidade.

Além da produção agrícola, os relatos demonstram que as roças mecanizadas também funcionavam como espaço de convivência e aprendizagem. Muitos jovens participavam das atividades com pais, avós e lideranças, aprendendo sobre trabalho, responsabilidade e organização comunitária.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Os entrevistados também recordam que os mais velhos exerciam papel relevante na orientação dos grupos, auxiliando na organização das atividades e compartilhando conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Muitos jovens aprenderam observando e trabalhando ao lado dessas lideranças.

Outro aspecto frequente nas entrevistas é a lembrança da união existente entre os grupos, destacando que o trabalho coletivo auxiliava no fortalecimento dos vínculos comunitários e fazia com que todos se sentissem responsáveis pelo sucesso da produção.

As entrevistas também evidenciam que as roças mecanizadas desempenharam função educativa na comunidade. Os jovens aprendiam observando os mais velhos, participando das atividades e assumindo responsabilidades. Além do trabalho na lavoura, aprendiam sobre cooperação, respeito, compromisso e convivência comunitária.

Ao analisar os relatos, percebe-se que as lembranças sobre o funcionamento das roças mecanizadas transcendem a produção de arroz. Os entrevistados referem-se à organização, ao trabalho coletivo, à aprendizagem, à responsabilidade e à união.

Por esse motivo, a experiência das roças mecanizadas continua sendo lembrada como período relevante da história da Aldeia Meruri.

4.3 Por que as roças mecanizadas acabaram

Ao longo das entrevistas, buscou-se compreender por que um projeto que produzia grande quantidade de arroz e envolvia tantas famílias deixou de existir. Essa foi uma das questões que mais despertou interesse durante a pesquisa, pois muitos moradores ainda recordam as roças mecanizadas como período de fartura, organização e trabalho coletivo.

Os relatos evidenciam que o encerramento das atividades não ocorreu de forma repentina. Segundo os entrevistados, o processo deu-se gradualmente, à medida que surgiam dificuldades para manter o funcionamento das máquinas e garantir os recursos necessários à continuidade da produção.

De acordo com os relatos, um dos principais problemas foi a diminuição do apoio recebido pelo projeto. Os entrevistados lembram que as máquinas dependiam de combustível, óleo, peças de reposição e manutenção para continuar funcionando. Enquanto esses recursos estavam disponíveis, o trabalho conseguia prosseguir, mas, quando começaram a faltar, surgiram dificuldades para manter as atividades.

Os entrevistados relatam que, com o passar do tempo, os equipamentos começaram a apresentar problemas mecânicos. Algumas máquinas quebravam e necessitavam de consertos que nem sempre podiam ser realizados na própria comunidade. Como os custos eram

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

elevados e os recursos cada vez menores, muitas máquinas acabaram ficando paradas.

Durante as entrevistas, surgiram diferentes explicações para o encerramento das roças mecanizadas. Alguns participantes associam o fim do projeto à diminuição dos recursos governamentais, outros relacionam a interrupção às mudanças políticas ocorridas naquele período. Há, ainda, entrevistados que acreditam que diversos fatores contribuíram simultaneamente para o encerramento das atividades.

Segundo algumas lembranças, as mudanças ocorridas após o governo do presidente João Figueiredo influenciaram diretamente a continuidade do projeto, pois o apoio existente anteriormente foi diminuindo até deixar de existir. Entretanto, por se tratar de pesquisa baseada em memória oral, essa informação deve ser compreendida como parte das recordações dos participantes e não como afirmação documental definitiva.

Os relatos também demonstram que muitos projetos desenvolvidos em comunidades indígenas dependem de apoio externo para continuar funcionando. Quando esse apoio é interrompido, podem surgir dificuldades para manutenção das atividades. Essa situação evidencia a importância de políticas públicas com continuidade e que auxiliem as comunidades a desenvolver formas próprias de organização e manutenção dos projetos.

Outro aspecto evidenciado nas entrevistas foi a dificuldade de formar pessoas para realizar a manutenção dos equipamentos e administrar o projeto de forma independente. Embora muitas pessoas participassem das atividades agrícolas, poucas receberam formação específica para cuidar dos maquinários quando o apoio externo deixou de existir.

Ao falar sobre esse período, muitos entrevistados demonstraram sentimentos de tristeza e saudade. Em diversos relatos, foi possível perceber que as lembranças das roças mecanizadas permanecem muito presentes na memória da comunidade, sendo recordado como tempo de fartura, união e produção de alimentos para as famílias.

Um dos entrevistados afirmou ter ficado triste ao ver as máquinas paradas, pois acreditava que o projeto poderia continuar auxiliando a comunidade.

Alguns entrevistados relataram que, naquele momento, havia preocupação com o futuro da comunidade e com a continuidade da produção agrícola. Alguns acreditavam que o projeto poderia ser retomado posteriormente. No entanto, com o passar dos anos, as atividades deixaram de ocorrer e as áreas utilizadas pelas roças passaram por transformações.

Percebe-se que o fim das roças mecanizadas não pode ser explicado por apenas um único motivo. A interrupção ocorreu em razão de conjunto de fatores, incluindo diminuição dos recursos, problemas com as máquinas, falta de manutenção e mudanças ocorridas ao longo dos anos. Mesmo existindo diferenças entre algumas lembranças, todos os entrevistados concordam

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

que o encerramento do projeto trouxe mudanças relevantes para a comunidade.

Ao analisar os relatos, percebe-se que a experiência das roças mecanizadas trouxe aprendizados importantes. Por um lado, a tecnologia auxiliou no aumento da produção de alimentos e na melhoria das condições de trabalho. Por outro, criou dependência de recursos externos que nem sempre podiam ser controlados pela própria comunidade. Quando o apoio foi interrompido, surgiram dificuldades para manutenção do projeto.

Essa experiência demonstra que a tecnologia pode auxiliar a comunidade, mas também evidencia a importância de continuar valorizando os conhecimentos dos mais velhos e a forma de viver do povo Boe (Bororo).

4.4 O que mudou na comunidade depois do fim das roças mecanizadas

Ao ouvir os entrevistados, percebe-se que o fim das roças mecanizadas trouxe mudanças importantes para a vida da comunidade. Algumas dessas mudanças ocorreram logo após o encerramento do projeto e outras foram surgindo ao longo dos anos. Mesmo passadas várias décadas, muitos moradores ainda relacionam esse período a lembranças de fartura, organização e trabalho coletivo.

Uma das mudanças mais recordadas pelos entrevistados está relacionada à alimentação. Durante o período das roças mecanizadas, a produção de arroz contribuía para garantir alimento a muitas famílias, evidenciando que a comunidade conseguia produzir parte relevante do que consumia, reduzindo a dependência da compra de alimentos fora da aldeia.

Com o encerramento das atividades, a realidade foi se modificando gradualmente. Os entrevistados explicam que muitas famílias passaram a depender mais da compra de alimentos nos mercados da cidade. Além disso, alimentos industrializados começaram a integrar a alimentação de muitas famílias, especialmente entre os mais jovens.

Alguns entrevistados lembram que o fim das roças mecanizadas trouxe preocupações à comunidade. Com a diminuição da produção coletiva de alimentos, muitas famílias passaram a depender mais da compra de produtos oriundos da cidade. Segundo eles, isso acarretou mudanças nos hábitos alimentares e aumentou a dependência de recursos externos.

Durante a pesquisa, compreendeu-se que a busca pela segurança alimentar não significa abandonar os conhecimentos tradicionais. Ao contrário, muitos entrevistados acreditam ser possível produzir alimentos, utilizar novas tecnologias e, ao mesmo tempo, continuar valorizando os ensinamentos legados pelos mais velhos e a cultura do povo Boe (Bororo).

Outra mudança apontada pelos entrevistados refere-se às formas de sustento da comunidade. Segundo os relatos, durante o período das roças mecanizadas, existia produção coletiva que auxiliava diretamente as famílias. Atualmente, muitas pessoas complementam a renda por meio do

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

artesanato, da agricultura familiar, da criação de animais, da piscicultura e de programas sociais.

Alguns anciãos reconhecem que a comunidade continua trabalhando e buscando formas de garantir sua subsistência. Entretanto, muitos afirmam que a organização coletiva das roças mecanizadas possuía características distintas das atividades desenvolvidas atualmente.

Outra questão relevante observada na pesquisa foi a preocupação dos entrevistados com a transmissão dos conhecimentos aos mais jovens. Muitos participantes afirmam que os jovens atuais conhecem pouco sobre a história das roças mecanizadas e sobre a forma como o trabalho era organizado naquele período.

Segundo os entrevistados, muitas experiências vividas pelos mais velhos correm o risco de serem esquecidas se não forem registradas e compartilhadas com as novas gerações. Por esse motivo, consideram importante que os jovens conheçam essa parte da história da comunidade.

Durante as entrevistas, também se perguntou se os participantes acreditam que projeto semelhante poderia existir novamente na comunidade. As respostas evidenciaram que muitos ainda enxergam valor na produção coletiva de alimentos e acreditam que experiências similares poderiam trazer benefícios para a Aldeia Meruri.

As falas demonstram que a tecnologia pode auxiliar na produção de alimentos e melhorar as condições de trabalho da comunidade. Porém, os entrevistados também destacam que qualquer iniciativa futura deve respeitar os valores, os conhecimentos e a forma de organização do povo Boe (Bororo). Para eles, o desenvolvimento precisa caminhar junto com a preservação cultural.

Alguns entrevistados destacaram que, atualmente, seria necessário investir mais na formação dos jovens, no cuidado com os equipamentos e na preparação de pessoas da própria comunidade para administrar os projetos agrícolas. Outros ressaltaram a importância de continuidade no apoio e no planejamento para que iniciativas semelhantes possam se manter ao longo do tempo.

Além das mudanças econômicas e alimentares, os relatos evidenciam que as roças mecanizadas permanecem presentes na memória coletiva da comunidade. Em praticamente todas as entrevistas, os participantes demonstraram satisfação em contar suas histórias e compartilhar suas lembranças sobre aquele período, afirmando que se sentem felizes em saber que essas informações estão sendo registradas para as futuras gerações.

Outra mudança percebida refere-se às áreas onde funcionavam as roças mecanizadas. Para implantar aproximadamente quinze hectares de plantio, foi necessário abrir grandes espaços que antes eram cobertos pela vegetação nativa. Naquele momento, o objetivo era aumentar a produção de alimentos para atender às necessidades da comunidade.

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Com o encerramento do projeto, parte dessas áreas deixou de ser utilizada da mesma forma. Segundo os entrevistados, alguns locais voltaram a ser ocupados pela vegetação ao longo dos anos, enquanto outros permaneceram modificados por longo tempo.

Essa situação suscitou reflexões sobre as mudanças que podem ocorrer na terra quando grandes áreas são utilizadas para produção. Os entrevistados lembram que a abertura dessas áreas foi necessária para a implantação do projeto, mas também reconhecem que houve alterações relevantes na paisagem, evidenciando que produzir alimentos e cuidar do território são responsabilidades que precisam caminhar juntas.

Durante a pesquisa, percebeu-se que a produção de alimentos é relevante para a segurança alimentar da comunidade, mas também se compreendeu que o cuidado com a terra integra os conhecimentos tradicionais do povo Boe (Bororo). Por essa razão, qualquer projeto futuro precisa buscar equilíbrio entre produção, preservação ambiental e respeito ao território.

Ao analisar os relatos, percebe-se que as roças mecanizadas representam muito mais do que experiência agrícola. Integram a história da Aldeia Meruri e continuam sendo lembradas como período de trabalho coletivo, aprendizagem, organização e produção de alimentos para a comunidade. Por esse motivo, registrar essas memórias significa também contribuir para a preservação de parte importante da trajetória do povo Boe (Bororo).

Os entrevistados também recordam que, antes das roças mecanizadas, a comunidade já possuía formas próprias de garantir sua alimentação por meio da caça, da pesca, da coleta e das pequenas roças. As roças ampliaram essa produção, mas também criaram dependência de recursos externos. Por essa razão, muitos participantes consideram relevante analisar os pontos positivos e as dificuldades daquela experiência para que futuras iniciativas possam ser planejadas de forma mais sustentável.

Quando as roças mecanizadas funcionavam, grande parte do alimento era produzida dentro da própria comunidade. Com o fim do projeto, muitas famílias passaram a depender mais da compra de alimentos e de recursos externos. Essa mudança fez com que parte da autonomia construída naquele período fosse reduzida, situação que ainda é recordada pelos entrevistados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender como funcionavam as roças mecanizadas da Aldeia Meruri, quais foram os fatores que contribuíram para seu desenvolvimento e quais motivos levaram ao encerramento desse projeto.

ISBN: 978-65-02-42492-6
CBL
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

A partir das entrevistas realizadas com moradores e anciãos da comunidade, foi possível reunir informações relevantes que auxiliam no registro de parte significativa da história recente do povo Boe (Bororo).

Os relatos evidenciaram que as roças mecanizadas representaram período de grande produção agrícola para a comunidade. A produção de arroz alcançou números expressivos e contribuiu para garantir alimentação a muitas famílias durante vários anos.

Além disso, a pesquisa revelou que o projeto também fortaleceu o trabalho coletivo, a organização comunitária e a participação das diferentes gerações nas atividades desenvolvidas.

Ao analisar as entrevistas, percebe-se que as roças mecanizadas não são recordadas apenas pelos resultados produtivos, mas também por valores como união, responsabilidade, aprendizagem e convivência entre as famílias. Essas lembranças demonstram que o projeto teve importância não apenas econômica, mas também social e comunitária.

A pesquisa também permitiu compreender que o encerramento das atividades ocorreu de forma gradual. Observou-se que a diminuição do apoio recebido, as dificuldades relacionadas à manutenção das máquinas, a falta de combustível e outros fatores contribuíram para que a produção fosse reduzida até o encerramento do projeto. Embora existam diferenças em algumas lembranças dos entrevistados, todos concordam que o fim das roças mecanizadas trouxe mudanças relevantes para a comunidade.

Outra questão relevante identificada durante a pesquisa foi a preocupação dos entrevistados com as novas gerações. Muitos anciãos demonstraram interesse em compartilhar suas experiências e destacaram a importância de registrar essas informações para que não sejam esquecidas com o passar do tempo. Esse fato reforça a relevância deste trabalho como registro da memória comunitária.

Durante a pesquisa, também se ampliou a reflexão sobre alimentação, produção de alimentos, cuidado com a terra e organização comunitária. As conversas e os ensinamentos desenvolvidos durante o Curso de Pedagogia auxiliaram na ampliação do olhar sobre esses temas e evidenciaram que experiências vividas no passado ainda podem trazer ensinamentos relevantes para o presente e para o futuro.

Por fim, entende-se que registrar a história das roças mecanizadas consiste em forma de valorizar a trajetória da Aldeia Meruri e reconhecer a contribuição das pessoas que participaram desse período.

Espera-se que este trabalho possa servir como fonte de consulta e inspiração para outras pesquisas, para os estudantes da comunidade e para todos aqueles que desejam conhecer melhor a história do povo Boe (Bororo). Segundo um dos anciãos entrevistados, contar essas histórias é uma forma de garantir que os jovens conheçam o caminho percorrido por seus antepassados.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Durante a realização deste trabalho, aprendeu-se que muitas histórias importantes da comunidade ainda vivem na memória dos mais velhos. Conversar com eles auxiliou a conhecer melhor a história das roças mecanizadas e também a valorizar os conhecimentos transmitidos ao longo do tempo.

A pesquisa também auxiliou na compreensão de que toda experiência possui resultados positivos e desafios. As roças mecanizadas contribuíram para aumentar a produção de alimentos e melhorar a segurança alimentar da comunidade, mas, por outro lado, exigiram a abertura de grandes áreas para plantio e provocaram mudanças na paisagem local, demonstrando que produzir alimentos e preservar o território são desafios que precisam caminhar juntos.

Espera-se que este trabalho possa auxiliar os jovens da Aldeia Meruri a conhecer melhor sua história e a continuar valorizando a cultura e os ensinamentos do povo Boe (Bororo).

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.

BANIWA, G. J. dos S. L. Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ZUMTHOR, P. A letra e a voz: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

O PAPEL DO BAKARU (NARRATIVAS ANCESTRAIS) COMO RECURSO PEDAGÓGICO INTERCULTURAL NO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO DO POVO BOE (BORORO) NA ALDEIA MERURI

THE ROLE OF BAKARU (ANCESTRAL NARRATIVES) AS AN INTERCULTURAL PEDAGOGICAL RESOURCE IN ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL EDUCATION OF THE BOE (BORORO) PEOPLE IN THE MERURI VILLAGE

Elaine Cristina Moreira da Silva[1]
elainecristina0467@gmail.com
Idalina Ikuie Eimejerago[2]
ikuieidalina@gmail.com
Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu[3]
marielekureu@gmail.com
Vanderley Rodrigues Ikuie Kudu[4]
vanderley.kudu@edu.mt.gov.br
Vitalina Tori Iedo[5]
vitalina.iedo@edu.mt.gov.br

[1] Doutora - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO, Lins-SP
[2345] Graduandos em Pedagogia – UniSALESIANO, Polo Aldeia Meruri, MT.

RESUMO

Este artigo analisa a utilização do Bakaru, conjunto de narrativas ancestrais e conhecimentos sagrados do povo Boe (Bororo), como recurso pedagógico intercultural na Escola Indígena Sagrado Coração de Jesus, localizada na Aldeia Meruri, estado de Mato Grosso. O estudo vincula-se ao Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO, Polo Lins-SP. O objetivo geral consistiu em compreender de que modo as narrativas do Bakaru podem ser integradas ao cotidiano escolar, contribuindo para a salvaguarda cultural e o fortalecimento da identidade dos jovens Boe, em um contexto marcado pelo falecimento de anciãos detentores dos saberes tradicionais e pela intensificação do uso de tecnologias digitais pelos estudantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada na observação participante de turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, bem como na análise do Volume II da Enciclopédia Bororo, obra bilíngue (Boe e Português) organizada por Albisetti e Venturelli. As atividades pedagógicas incluíram caminhadas pelo Cerrado para identificação in loco de plantas, animais e lugares mencionados nas narrativas, além de produções artísticas e textuais. Os resultados evidenciam que a proposta transformou o território em espaço educativo vivo, promovendo mudanças atitudinais: maior engajamento

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E
INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

escolar, valorização da cultura, uso cotidiano da língua materna, aprendizagem de técnicas artesanais e busca ativa pelos anciãos como fontes de conhecimento. Conclui-se que o Bakaru não se configura como repertório folclórico do passado, mas como fundamento epistemológico que permite à escola indígena articular o conhecimento científico e a sabedoria ancestral, assegurando a vitalidade cultural Boe.

PALAVRAS-CHAVE
Povo Boe (Bororo). Bakaru. Escola Indígena. Educação Intercultural. Identidade Cultural.

ABSTRACT

This article analyzes the use of Bakaru, a set of ancestral narratives and sacred knowledge of the Boe (Bororo) people, as an intercultural pedagogical resource at the Sagrado Coração de Jesus Indigenous School, located in the Meruri Village, state of Mato Grosso, Brazil. The study is linked to the Undergraduate Thesis in Pedagogy at the Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO, Lins-SP campus. The general objective was to understand how Bakaru narratives can be integrated into daily school life, contributing to cultural safeguarding and strengthening the identity of young Boe people, in a context marked by the passing of elders who held traditional knowledge and by the intensification of digital technology use among students. This is a qualitative, exploratory and descriptive research, based on participant observation of classes from the 6th to the 9th grade of Elementary School and from the 1st to the 3rd year of High School, as well as on the analysis of Volume II of the Bororo Encyclopedia, a bilingual work (Boe and Portuguese) organized by Albisetti and Venturelli. The pedagogical activities included walks through the Cerrado for the in loco identification of plants, animals and places mentioned in the narratives, in addition to artistic and textual productions. The results show that the proposal transformed the territory into a living educational space, promoting attitudinal changes: greater school engagement, cultural appreciation, daily use of the mother tongue, learning of artisanal techniques and active search for elders as sources of knowledge. It is concluded that Bakaru is not configured as a folkloric repertoire of the past, but as an epistemological foundation that allows the indigenous school to articulate scientific knowledge and ancestral wisdom, ensuring Boe cultural vitality.

KEYWORDS
Boe People (Bororo). Bakaru. Indigenous School. Intercultural Education. Cultural Identity.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

1 INTRODUÇÃO

A organização social do povo Boe (Bororo) encontra-se profundamente vinculada aos conhecimentos ancestrais transmitidos ao longo das gerações por meio da oralidade, das práticas culturais e das relações comunitárias. Entre esses saberes, o Bakaru ocupa posição central, por reunir narrativas que explicam a origem dos clãs, os princípios de convivência, a relação com a natureza e os modos próprios de compreender o mundo. Mais do que um acervo de histórias antigas, o Bakaru constitui um modo específico de produção de conhecimento, que sustenta valores, práticas sociais e a identidade cultural do povo Boe.

A Aldeia Meruri desempenha papel relevante na história da educação escolar indígena do povo Boe (Bororo), constituindo-se como espaço de preservação cultural, de formação de lideranças e de fortalecimento da língua materna. Nesse contexto, a escola assume função estratégica na articulação entre os conhecimentos tradicionais e as demandas educacionais contemporâneas.

O presente artigo integra o processo formativo do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO, Polo Aldeia Meruri, configurando-se como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sua elaboração responde não apenas a uma exigência acadêmica, mas, sobretudo, a um compromisso formativo com a educação escolar indígena e com a produção de conhecimento a partir da realidade do povo Boe (Bororo), da qual os autores fazem parte não apenas como estudantes de graduação, mas também como agentes educacionais atuantes na unidade escolar da aldeia.

Ao propor a reflexão sobre o Bakaru como fundamento epistemológico e recurso pedagógico intercultural, este trabalho insere-se em uma perspectiva que compreende a formação docente como espaço de articulação entre o saber acadêmico e o saber ancestral. No contexto da formação em Pedagogia indígena, torna-se necessário reconhecer que os conhecimentos tradicionais não podem ser concebidos como mero complemento curricular, mas como parte estruturante do processo educativo na aldeia.

A legislação educacional brasileira assegura aos povos indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada, específica, bilíngue, comunitária e intercultural. Esse direito encontra respaldo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas (BRASIL, 2015) e na Política Nacional de Educação Escolar Indígena nos Territórios Etnoeducacionais (BRASIL, 2009), que preconizam a valorização dos sistemas próprios de conhecimento, das línguas indígenas e das formas tradicionais de transmissão de saberes.

Nesse sentido, inserir o Bakaru no cotidiano escolar significa fortalecer a identidade cultural dos estudantes e ampliar as possibilidades de

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

permanência dos conhecimentos ancestrais entre as novas gerações. Conforme afirma Cunha (2009, p. 312), ao discutir os regimes de conhecimento indígena, "os sistemas indígenas de pensamento não são conjuntos fragmentários de crenças, mas verdadeiras teorias sobre o mundo". Tal reflexão contribui para a compreensão de que o Bakaru não deve ser reduzido a mito ou a narrativa folclórica, mas entendido como estrutura organizada de saber, construída historicamente pelo povo Boe.

Para o povo Boe (Bororo), o Bakaru constitui a base estruturante da vida social, espiritual e cosmológica. Pode-se afirmar que exerce papel semelhante ao que os textos sagrados desempenham em outras tradições religiosas. Todavia, diferentemente dos conhecimentos registrados exclusivamente pela escrita, o Bakaru permanece vivo por meio da oralidade, das práticas rituais, da convivência comunitária e da relação entre os clãs.

A sociedade Boe organiza-se em duas metades exogâmicas, subdivididas em clãs e subclãs, cuja estrutura não é apenas social, mas também cosmológica. Novaes (1993) destaca que a organização social Bororo está profundamente ligada à cosmologia, de modo que as categorias sociais representam também categorias do próprio universo. Dessa forma, clãs, animais ancestrais, rituais, território e princípios de reciprocidade integram uma mesma estrutura de conhecimento narrada pelo Bakaru.

Além de explicar a origem dos clãs, o Bakaru orienta princípios éticos e formas de convivência comunitária. A vergonha (pudor, respeito) apresenta-se como princípio regulador da conduta social, enquanto a leveza relaciona-se à busca pelo equilíbrio coletivo e pela manutenção da harmonia comunitária. Esses elementos evidenciam que o Bakaru não se limita a narrativas de origem, mas constitui uma verdadeira filosofia de vida transmitida nas relações cotidianas.

Mergulhar no Bakaru implica reconhecer que, na tradição Boe, a palavra possui responsabilidade. Nem todos dominam a arte de guardar e narrar a história oral, pois transmitir os conhecimentos ancestrais exige memória, compromisso e respeito aos ensinamentos legados pelos mais velhos. Ao longo da história, processos de colonização e interrupções dos sistemas educativos tradicionais dificultaram a continuidade da transmissão desses saberes às novas gerações. A ausência física de muitos mestres do saber torna ainda mais urgente a proposição de estratégias que fortaleçam a permanência desses conhecimentos na escola e na comunidade.

Nesse contexto, o Volume II da Enciclopédia Bororo assume grande relevância, sobretudo por seu caráter bilíngue, apresentando os textos em língua Boe e em português. O material possibilita que os enredos relacionados à natureza, aos espíritos, aos animais e aos princípios de convivência permaneçam presentes no cotidiano educativo da aldeia.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de transformar o espaço escolar em ambiente de valorização, fortalecimento e salvaguarda da cultura Boe. Mais do que transmitir conteúdos escolares, a escola indígena

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

possui a função de contribuir para a continuidade dos conhecimentos tradicionais e para o fortalecimento identitário dos estudantes.

Embora o Bakaru reúna amplo conjunto de narrativas ancestrais do povo Boe (Bororo), este estudo concentrou-se nas experiências pedagógicas desenvolvidas a partir da narrativa "A mulher Aturuaródo e o monstro Butoríku", utilizada como eixo para as atividades realizadas com os estudantes.

A partir dessa problemática, o presente trabalho estabelece como objetivo geral analisar a integração do Bakaru à prática pedagógica em Meruri, compreendendo-o como epistemologia viva capaz de orientar a salvaguarda cultural e o fortalecimento da identidade Boe por meio do uso da Enciclopédia Bororo. Como objetivos específicos, busca-se: a) identificar os pilares éticos e filosóficos do Bakaru; b) investigar as potencialidades pedagógicas do material bilíngue na mediação entre o saber acadêmico e a tradição oral; e c) compreender de que forma a escola pode atuar como espaço de resistência cultural e de fortalecimento da memória ancestral.

Quanto à organização, este artigo estrutura-se em três momentos principais: inicialmente, discute-se o Bakaru como fundamento epistemológico e filosófico do povo Boe; em seguida, apresenta-se a relação entre educação intercultural, oralidade e escola indígena; por fim, analisam-se as práticas pedagógicas desenvolvidas em Meruri e as possibilidades de fortalecimento cultural a partir do uso do Bakaru no contexto escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Bakaru como sistema de conhecimento do povo Boe

O povo Boe (Bororo) possui organização social e cultural edificada a partir de conhecimentos ancestrais transmitidos ao longo das gerações. Entre esses saberes, o Bakaru ocupa posição central, por reunir narrativas que orientam a vida comunitária, os princípios de convivência, a relação com a natureza e os modos de compreender o mundo.

Na tradição Boe, o Bakaru não é compreendido apenas como história antiga ou narrativa simbólica. Constitui forma própria de conhecimento, transmitida principalmente pela oralidade e vivenciada nas práticas cotidianas da comunidade. Conforme afirma Cunha (2009, p. 312), ao discutir os sistemas de pensamento indígena, "os sistemas indígenas de pensamento não são conjuntos fragmentários de crenças, mas verdadeiras teorias sobre o mundo". Essa compreensão permite reconhecer que os conhecimentos indígenas possuem organização, lógica própria e profunda relação com a vida social dos povos originários.

No contexto Boe, o Bakaru atua como fundamento epistemológico da comunidade. É por meio dele que conhecimentos relativos à origem dos clãs,

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

aos rituais, às relações de reciprocidade e aos princípios éticos continuam sendo transmitidos entre as gerações. Diferentemente dos conhecimentos registrados exclusivamente pela escrita, o Bakaru permanece vivo na oralidade, nas práticas culturais, nos funerais, nas relações familiares e nos momentos de convivência coletiva. A palavra, nesse contexto, possui responsabilidade e compromisso com a preservação da memória ancestral.

A tradição oral assume, portanto, papel fundamental na continuidade cultural do povo Boe. Os conhecimentos não são aprendidos apenas por meio de conteúdos formais, mas também pela observação, pela convivência e pela escuta dos mais velhos.

2.2 Cosmologia e organização social Boe

Neste estudo, cosmologia refere-se à forma como o povo Boe compreende a organização do universo e as relações entre seres humanos, natureza, espiritualidade e território. Diferentemente da cosmogonia, que busca explicar a origem do mundo e dos seres, a cosmologia diz respeito à maneira como esse universo é compreendido e organizado na vida cotidiana da comunidade.

A organização social do povo Boe encontra-se profundamente vinculada à sua cosmologia. A divisão em clãs, subclãs e metades exogâmicas não representa apenas estrutura administrativa da aldeia, mas forma própria de compreender a relação entre humanidade, natureza e espiritualidade. Novaes (1993) destaca que a organização social Bororo está diretamente relacionada à cosmologia do povo, demonstrando que os elementos sociais e espirituais não se apresentam de forma dissociada na cultura Boe.

Cada clã mantém relações com determinados animais ancestrais e funções específicas na comunidade. Essas relações integram estrutura cosmológica mais ampla, na qual território, natureza, espiritualidade e convivência coletiva permanecem articulados.

O Bakaru explica não apenas a origem dos clãs, mas também os princípios de reciprocidade, os comportamentos esperados e os vínculos entre os indivíduos e o território. Cerrado, peixes, aves, insetos, espíritos e elementos naturais aparecem integrados em uma mesma visão de mundo. Nesse contexto, o funeral ocupa importante função social e espiritual, pois representa momento de reorganização dos vínculos comunitários e de reafirmação das identidades coletivas, constituindo-se também como espaço de fortalecimento da memória cultural e de transmissão de conhecimentos tradicionais.

2.3 A oralidade e a transmissão dos saberes ancestrais

A oralidade ocupa papel central na tradição Boe. Grande parte dos conhecimentos ancestrais continua sendo transmitida pela fala, pela

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

convivência e pela participação nos rituais comunitários. Mergulhar no Bakaru implica compreender que a palavra possui responsabilidade. Nem todos dominam a arte de guardar e narrar a história oral, pois transmitir os conhecimentos exige memória, compromisso e respeito aos ensinamentos legados pelos mais velhos.

Ao longo da história, processos de colonização provocaram interrupções nos sistemas tradicionais de ensino indígena, dificultando a continuidade de determinados saberes entre as novas gerações. A ausência física de muitos anciãos responsáveis pela transmissão oral tornou ainda mais necessária a busca por estratégias de fortalecimento cultural no âmbito escolar. Nesse cenário, materiais como a Enciclopédia Bororo assumem papel relevante no apoio à preservação dos conhecimentos tradicionais, especialmente por apresentarem os conteúdos em língua Boe e em português.

Contudo, mesmo com a presença de registros escritos, a oralidade continua sendo elemento essencial da cultura Boe, pois os conhecimentos ancestrais permanecem vinculados à experiência coletiva, aos rituais e às relações construídas na comunidade.

2.4 Vergonha, leveza e os princípios éticos do Bakaru

Além de orientar aspectos cosmológicos e sociais, o Bakaru transmite princípios éticos que organizam a convivência comunitária do povo Boe. Entre esses princípios, destacam-se os conceitos de vergonha e leveza. A vergonha apresenta-se como elemento regulador do respeito e do comportamento na comunidade, orientando as relações entre os indivíduos e fortalecendo a responsabilidade coletiva. A leveza, por sua vez, relaciona-se à busca pelo equilíbrio, pela harmonia comunitária e pela manutenção de relações menos conflituosas.

Esses elementos demonstram que o Bakaru não se limita às narrativas de origem, mas constitui também forma própria de orientação da vida prática. Segundo Novaes (1993), os princípios que organizam a vida social Bororo não podem ser compreendidos de forma isolada, pois estão associados à cosmologia e às relações de reciprocidade existentes entre os clãs. Dessa forma, valores como respeito, equilíbrio e responsabilidade coletiva configuram elementos centrais para a manutenção da ordem social e cultural do povo Boe.

Na narrativa “A mulher Aturuaródo e o monstro Butoríku”, esses princípios aparecem de forma implícita nas atitudes dos personagens e nos ensinamentos transmitidos aos jovens. A vergonha relaciona-se ao respeito pelos conhecimentos ancestrais e às responsabilidades assumidas perante a comunidade, enquanto a leveza pode ser compreendida na busca pelo equilíbrio, pela cooperação e pela superação dos desafios sem romper os vínculos coletivos que sustentam a vida comunitária.

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

2.5 Educação intercultural e escola indígena

A legislação educacional brasileira assegura aos povos indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada, específica e intercultural. Tal concepção implica compreender que a escola indígena deve dialogar com os conhecimentos tradicionais e com a realidade cultural da comunidade. No contexto da Aldeia Meruri, discutir o Bakaru na escola significa fortalecer a identidade cultural dos estudantes e ampliar as possibilidades de continuidade dos conhecimentos ancestrais entre as novas gerações.

Candau (2012) destaca que a educação intercultural pressupõe o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, promovendo o diálogo entre distintos modos de produzir conhecimentos e de compreender a realidade. Nessa perspectiva, o processo educativo deve favorecer o encontro entre saberes, sem estabelecer relações hierárquicas entre eles, reconhecendo a legitimidade dos conhecimentos produzidos pelos diferentes grupos sociais e culturais.

Walsh (2009) discute a interculturalidade como processo de diálogo entre saberes, questionando modelos educacionais que historicamente desvalorizaram os conhecimentos indígenas. Nessa perspectiva, os saberes tradicionais não devem figurar apenas como temas complementares, mas como parte estruturante da construção educativa. Ao inserir o Bakaru nas práticas pedagógicas, a escola passa a atuar também como espaço de resistência cultural, de valorização da língua Boe e de fortalecimento da memória coletiva. Dessa forma, o ambiente escolar deixa de representar apenas local de reprodução de conteúdos externos e passa a contribuir para a preservação cultural e para o fortalecimento do modo de vida Boe.

2.6 O Bakaru e a formação docente em Meruri

A formação de professores indígenas envolve desafios que ultrapassam os conteúdos acadêmicos tradicionais. O educador indígena precisa atuar como mediador entre os conhecimentos da universidade e os saberes ancestrais presentes na comunidade. Nesse processo, compreender o Bakaru como fundamento epistemológico possibilita a construção de práticas pedagógicas mais próximas da realidade Boe e da vivência dos estudantes da aldeia.

Ao aproximar escola, oralidade e ancestralidade, a educação indígena fortalece não apenas o ensino formal, mas também a continuidade cultural e a valorização da identidade coletiva. No contexto de Meruri, esse movimento torna-se ainda mais relevante diante das dificuldades provocadas pela ausência de muitos guardiões tradicionais da memória oral. Assim, o trabalho pedagógico desenvolvido na escola assume também compromisso com a

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

preservação dos conhecimentos ancestrais e com o fortalecimento cultural das novas gerações.

A preservação e a transmissão dos conhecimentos tradicionais do povo Boe (Bororo) encontram importante apoio na obra organizada por César Albisetti e Angelo Jayme Venturelli. Resultado de décadas de convivência e pesquisa junto às comunidades Bororo, a Enciclopédia Bororo foi elaborada com o propósito de registrar aspectos relacionados à língua, à organização social, aos rituais, às narrativas ancestrais e aos conhecimentos culturais do povo Boe. Segundo Albisetti e Venturelli (1969), esses registros constituem importante fonte documental para a compreensão da cosmologia, dos valores sociais e das formas de organização tradicional da comunidade.

No contexto desta pesquisa, a Enciclopédia Bororo assume papel relevante por reunir narrativas ancestrais tradicionalmente transmitidas pela oralidade. Além de contribuir para a preservação da memória cultural, a obra apresenta especial importância pedagógica por disponibilizar conteúdos em língua Boe e em português, favorecendo o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os processos educativos desenvolvidos na escola indígena. Dessa forma, o material constitui não apenas registro histórico e cultural, mas também instrumento de fortalecimento da identidade étnica e de valorização dos saberes ancestrais junto às novas gerações.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolveu-se a partir de abordagem qualitativa, considerando a necessidade de compreender sentidos, vivências e práticas relacionadas ao uso do Bakaru no contexto da escola indígena da Aldeia Meruri. A escolha dessa abordagem justifica-se por se tratar de estudo que envolve cultura, identidade, oralidade e formas próprias de organização social do povo Boe (Bororo), aspectos que não poderiam ser reduzidos apenas a dados quantitativos.

As atividades foram desenvolvidas no segundo semestre do ano letivo de 2025, envolvendo momentos de planejamento, observação, realização das atividades pedagógicas, registros em diário de campo e análise das produções dos estudantes.

Participaram da pesquisa 88 estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio, 9 professores indígenas, 3 lideranças comunitárias e anciãos reconhecidos pela comunidade como detentores dos conhecimentos tradicionais. Neste estudo, o termo ancião refere-se às pessoas reconhecidas pela comunidade como detentoras dos conhecimentos tradicionais, da memória coletiva, dos rituais, das narrativas e da língua materna.

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. Em relação aos procedimentos, o estudo aproxima-se da pesquisa

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

de campo e da observação participante, desenvolvido diretamente no ambiente escolar da Aldeia Meruri.

Para a coleta de informações, foram utilizados observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas com professores, lideranças e anciãos, além da análise das produções dos estudantes (desenhos, registros escritos e relatos orais). Os dados foram analisados qualitativamente a partir de três categorias: (1) fortalecimento da identidade cultural; (2) valorização da língua Boe; e (3) participação dos estudantes nas práticas relacionadas ao Bakaru.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A utilização do território como espaço educativo permitiu que os estudantes relacionassem os elementos presentes nas narrativas Bakaru com aspectos concretos da paisagem, da fauna e da flora local. Essa aproximação favoreceu a aprendizagem contextualizada e fortaleceu a compreensão dos vínculos entre cultura, natureza e identidade coletiva.

4.1 Produção textual dos estudantes

Apresenta-se, com correções ortográficas pontuais, o relato da estudante Kaisa Leandro Arare Etaga sobre a narrativa “A mulher Aturuaródo e o monstro Butoríku”, produzido na disciplina de Língua Materna:

> No primeiro dia, fomos convidados a procurar obstáculos. Fomos atrás de alguns elementos de uma história que se chama “A mulher Aturuaródo e o monstro Butoríku”. [...] No terceiro dia, fomos procurar novamente essa mesma planta, Botomororarewu, que foi usada para tentar capturar o monstro. [...] Finalmente, encontramos o Botomororarewu. Essa planta era bonita (ETAGA, 2025).

O relato demonstra que o processo educativo ultrapassou a simples transmissão de conteúdos, promovendo a construção de significados a partir da experiência vivida. A caminhada em busca dos “obstáculos” – Baragire (vassourinha-do-cerrado), Ocê (gravatá), Merire Boe (capim-navalha) e Botomororarewu (cipó com espinhos) – revela que a história ancestral assume contornos reais quando os jovens tocam, procuram e catalogam os elementos vegetais. O registro de frustrações, como o medo de marugodinho (larva), confere autenticidade ao processo pedagógico baseado na vivência.

4.2 Síntese dos resultados e impactos pedagógicos

ISBN: 978-65-02-42492-6
9 786502 424926



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

Durante as atividades, observou-se que as narrativas ancestrais constituíram ponto de partida para a construção dos conhecimentos escolares. As orientações das Aroe Etuje reforçaram a valorização da cultura Boe. Os estudantes demonstraram maior interesse pela língua materna, exemplificado pelo uso de vocábulos como Barukuruciri (sábia-laranjeira), Kadogare (martim-pescador) e Kuogo (ipê-amarelo).

Outro fenômeno relevante foi a possibilidade de acessar anciãos de outras aldeias, evidenciando redes de solidariedade e transmissão cultural. A experiência contribuiu para estudantes que permaneciam longo período na internet e não atribuíam sentido à escola, promovendo transformação significativa, com maior interesse em confeccionar artefatos, valorizar a língua Boe e participar das cerimônias tradicionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender de que modo o Bakaru pode ser integrado ao cotidiano da escola indígena da Aldeia Meruri, entendendo esse saber como epistemologia viva, fundamental para a preservação cultural e para o fortalecimento da identidade do povo Boe (Bororo).

Diante da ausência física de muitos anciãos, a escola tem desempenhado papel fundamental na continuidade desses saberes, constituindo-se como espaço de resistência, partilha e renovação cultural. O Bakaru funciona como ligação pedagógica, cultural e espiritual, transformando o Cerrado em sala de aula aberta e viva.

Ficou evidente que o Bakaru constitui base ética, estética e filosófica para a educação escolar indígena diferenciada. Valores como vergonha e leveza contribuíram para despertar o interesse de estudantes que anteriormente demonstravam pouco envolvimento.

Por fim, recomenda-se que as práticas desenvolvidas sejam incorporadas de forma permanente ao Projeto Político-Pedagógico da escola, ampliando-se as atividades de campo, fortalecendo-se o ensino da língua materna e promovendo-se o intercâmbio entre diferentes comunidades Bororo. A experiência demonstra que a ancestralidade permanece viva e continua abrindo caminhos para uma educação escolar indígena significativa.

REFERÊNCIAS

ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. J. Enciclopédia Bororo. v. 1. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962.

ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. J. Enciclopédia Bororo. v. 2: Lendas e antropônimos. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1969.

ISBN: 978-65-02-42492-6



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INTERCULTURALIDADE - Vol.01.
Editora Dente-de-Leão
Lins/SP - 2026
ISBN nº 978-65-02-42492-6
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 maio 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas. Parecer CNE/CP nº 6/2014. Brasília, DF: MEC, 2015.

CANDAU, V. M. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 23-54.

CUNHA, M. C. da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ETAGA, K. L. A. Relato de experiência: A mulher Aturuaródo e o monstro Butoríku. Aldeia Meruri: Escola Indígena Sagrado Coração de Jesus, 2025. Manuscrito.

NOVAES, S. C. Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: Edusp, 1993.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e educação intercultural. In: CANDAU, V. M. (org.). Interculturalidade e educação na América Latina: conceitos, contextos e experiências. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

DENTE-DE-LEÃO

